

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**Yan Kevin Gomes Costa**

**As paisagens do rap brasileiro – as periferias e suas vivências de  
GOG, A Família, Trilha Sonora do Gueto, Facção Central e Racionais  
MC's**

**São Paulo  
2025**

**As paisagens do rap brasileiro – as periferias e suas vivências de  
GOG, A Família, Trilha Sonora do Gueto, Facção Central e Racionais  
MC's**

Yan Kevin Gomes Costa

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde

**São Paulo  
2025**

Autoriza a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

GOMES, Yan Kevin Costa. As paisagens do rap brasileiro – as periferias e suas vivências de GOG, A Família, Trilha Sonora do Gueto, Facção Central e Racionais MC's. Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Não desacredite, eu acredito em  
você!

## **Agradecimentos**

Meu profundo agradecimento por todos(as) que passaram por essa trajetória em minha vida.

A minha mãe, por acreditar em mim.

Aos meus irmãos que tenho profundo respeito e admiração.

Ao meu pai, que teve um longo momento difícil no ano, 2025, de ausências da minha pessoa, mas aí pai, aqui está o motivo.

Aos professores, que longo da vida me ensinam muito.

A todas as pessoas, que se tiveram suas vidas ceifadas de forma natural ou não!

Em especial ao meu avô que foi uma pessoa muito incrível em minha vida e da minha mãe.

Ao hip hop, pois sou mais um salvo pelo movimento.

**Sou a prova viva que o rap salva vidas!**

## RESUMO

Na Geografia, os estudos sobre a paisagem são relevantes para a compreensão da análise do espaço. O conceito de paisagem, é trabalhado de muitas formas ao longo de sua compreensão que inicialmente pensada através dos aspectos físicos e suas alterações no espaço, foi sendo pensado também a intervenção do ser humano no espaço com construções urbanas, alterações de relevos e clima. Para isso, o conceito de paisagem não parecia mais suficiente para compreender as alterações do espaço, então é pensando a paisagem cultural, voltada para as alterações humanas no espaço e suas relações desenvolvidas nela. Antes as alterações no espaço, pensados através da paisagem por meio dos intemperismos, sedimentações e agentes climáticos que levavam séculos ou milênios para alteração da paisagem, o ser humano é capaz de realizar essas transformações em apenas décadas. Entretanto, essas alterações são acompanhadas de imensos conflitos sociais, veementemente denunciados por movimentos e culturais, um desses é o rap. A denúncia é parte fundamental nas letras de rap, expondo as mazelas sociais da imensa maioria da população, esquecida aos montes em paisagens antes alteradas apenas de forma natural, que agora estão em intensa transformação humana, com disputas e reivindicações.

Palavras-chave: PAISAGEM; PASIAGEM CULTURAL; MÚSICA; RAP.

## **ABSTRACT**

In Geography, landscape studies are relevant to understanding spatial analysis. The concept of landscape has been explored in many ways throughout its development. Initially conceived through physical aspects and their alterations in space, it has also come to encompass human intervention in space through urban constructions, changes in relief, and climate. However, the concept of landscape itself no longer seemed sufficient to understand spatial changes, leading to the development of the concept of cultural landscape, focused on human alterations to space and the relationships developed within it. While previously spatial alterations were understood through weathering, sedimentation, and climatic agents that took centuries or millennia to change, humans are now capable of achieving these transformations in just decades. However, these alterations are accompanied by immense social conflicts, vehemently denounced by cultural movements, one of which is rap. Denunciation is a fundamental part of rap lyrics, exposing the social ills of the vast majority of the population, forgotten in large numbers within landscapes previously altered only naturally, which are now undergoing intense human transformation, marked by disputes and demands.

Keywords: LANDSCAPE; CULTURAL LANDSCAPE; MUSIC; RAP.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: representação do "castelo de madeira".....	49
Imagem 2 - Castelo Triste .....	53
Imagem 3: Castelo de Frankenstein.....	55
Imagem 4: Castelo de Drácula .....	55

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1 Paisagem e música: GOG e a descrição da paisagem periférica .....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 2 As paisagens da cidade nas músicas do Facção Central .....</b>	<b>27</b>
<b>Capítulo 3 A metrópole e Facção Central: elementos de reconhecimento e representação geográfica.....</b>	<b>36</b>
<b>Capítulo 4 Castelo triste: uma homenagem para quem vai e quem fica .....</b>	<b>46</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>59</b>
<b>Referências .....</b>	<b>61</b>

## Introdução

A paisagem é um dos conceitos mais tradicionais na Geografia. Há diversas tradições do seu entendimento em nossa ciência, cada uma delas portadora de contribuições próprias (VALVERDE, 2024). A alteração da paisagem é discutida neste trabalho através da música, ou seja, nosso objetivo geral é investigar o modo pelo qual a música interfere na percepção de uma paisagem. Para os fins deste trabalho, encontramos respaldo na concepção de paisagem cultural tal qual esta foi proposta por Sauer (2000). Entendemos que a paisagem está atrelada às ações humanas sobre uma área, reconfigurando de acordo com a cultura e os recursos disponíveis para essa alteração.

A música é um excelente aliado da geografia para análises feitas a partir dos conceitos geográficos. A compreensão da paisagem cultural, neste trabalho, está voltada para os grupos de rap espalhados pelo território brasileiro, mas com suas análises voltadas para as implicações das ações humanas nas paisagens. Como objetivo específico, este trabalho fará uma análise dos elementos presentes nas músicas de rap, a respeito da paisagem cultural, gênero musical criado nas periferias dos Estados Unidos que ganharam força e novas significações ao redor do mundo, seu estilo é voltado para as favelas, com suas letras que denunciam a violência, a miséria que assolam as favelas e o governo que deveria estar presente, mas é ausente. E por meio das letras, há uma busca em conscientizar os moradores das favelas em procurar na educação a saída para a solução das dificuldades que os assolam. O rap, através de sua proposta, é consumido pelas favelas do país, pois muitos dos rappers, são, ou foram, moradores das favelas, e que descrevem a paisagem cultural e sua relação com os indivíduos que permeiam essa paisagem. A maior parte dos grupos analisados, Facção Central, Racionais MC's, A Família e Trilha sonora do Gueto são oriundas das áreas periféricas da cidade de São Paulo, o berço do movimento para muitos grupos do gênero.

O rap é visto aqui como ritmo que denuncia as mazelas do cotidiano dos moradores. Na grande maioria dos casos relatados nas letras, são representados problemas da realidade social, como a desigualdade, violência e injustiça. Por esse

motivo, a escolha do gênero faz parte de uma busca pelos aspectos mais conflituosos da paisagem cultural. Mais do que simples problemas econômicos, tais elementos são entendidos por nós como questões existenciais e culturais. Se tal paisagem está associada ao domínio do que vemos, como proposto por Santos (1988), significa que há uma ampla gama de aspectos da paisagem das periferias que precisam ser reconhecidas como formas legítimas de conhecimento geográfico. Assim, a transformação da paisagem em paisagem cultural vai ser discutida ao longo do trabalho em meio às músicas e às transformações humanas do espaço.

A paisagem é palco para grandes discussões na Geografia, neste trabalho, não será muito diferente, a ideia aqui é passar pelas transformações cotidianas nas cidades brasileiras, mas principalmente como o movimento rap enxerga essas transformações, ou seja, como a periferia se entende dentro das grandes cidades.

A metodologia da pesquisa, foi analisar as letras de rap que buscam descrever as paisagens das favelas no Brasil. Para tanto, a busca de palavras chaves que relacionassem ao conceito de paisagem, não foi tarefa fácil de encontrar. Isso, me fez buscar a paisagem através das descrições cotidianas e dos elementos espaciais presentes, que fossem uma referência, tanto ao autor da letra, como também os ouvintes. Dessa forma, as análises das letras, permearam o entendimento das favelas por meio das descrições dos acontecimentos cotidianos e os elementos espaciais destacados nas letras, sendo elas representações reais ou do imaginário social, como é o caso da análise feita sobre duas músicas relacionando o conceito de castelo ao cotidiano e as “paisagens” das favelas e suas transformações. A definição da discografia, teve como critério a descrição das paisagens, através da utilização do conceito em sua composição, mas também sobre os aspectos da paisagem cultural. Todas as referências musicais escolhidas, é disponível para consulta digital, do qual foi extraída para o decorrimto da pesquisa.

Os capítulos estão divididos em quatro, sobre o olhar da construção do pensar a paisagem no olhar dos diferentes grupos analisados no trabalho. O primeiro capítulo, analisa o conceito de paisagem e a relação com a música, pensadas através do rapper GOG, que descreve de forma magistral a espacialidade, cotidiano e a paisagem de Brasília. O segundo capítulo, é a descrição das paisagens do Estado de São Paulo

através do grupo de rap Fação Central e Racionais MC's, as manifestações culturais e outros elementos que compõe a paisagem. Dando seguimento na análise do Estado de São Paulo, o terceiro capítulo, analisa as paisagens da zona sul de São Paulo, por ser berço de muito dos grupos analisados, suas composições relatam as vivências, cotidiano e a paisagem vividas pelos moradores e rappers. Por fim, o quarto capítulo, analisa o conceito de castelo como representação espacial, de lugares reais e imaginários, como a análise feita sobre a representação das moradias nas favelas, representadas como seus castelos. Além disso, o castelo como representação da solidão causada pela restrição de acessos e oportunidades para inserção dos indivíduos portadores de deficiência na sociedade. O recorte temporal das letras e grupos analisados, compreende meados dos anos 80 ao ano de 2020, dialogando momentos históricos diferentes sobre a mesma análise, a paisagem e as intervenções humanas no espaço das grandes cidades brasileiras.

## Capítulo 1

### Paisagem e música: GOG e a descrição da paisagem periférica

O conceito de paisagem rende grandes debates. A Geografia não é a primeira área de conhecimento a trabalhar esse conceito, pois ele surge como conhecimento estético, sendo parte do fazer artístico. No primeiro momento, ao pensar sobre o conceito de paisagem, é comum percebê-la relacionada a uma obra de arte (pinturas, por exemplo), representando um campo repleto de vegetação e, por muita das vezes, com uma pessoa apreciando o momento. A paisagem seria essa cena estável, bela e significativa de uma relação sociedade e natureza.

Pela origem etimológica do termo paisagem, segundo Brunet (1992), entendemos que ela é aquilo que se vê do país, ou seja, pode ser compreendido por aquilo que está ao alcance da vista, uma aparência e uma representação de objetos vistos e percebidos conforme o sujeito observa. O apelo ao visível (ou material) costuma ser colocado como um elemento decisivo, ainda que não seja tudo aquilo que a paisagem expressa. Isso pode ser contraditório, ao pensarmos as paisagens dessa forma, é entendida como objetiva e reconhecível, sendo confundida com os objetos materiais que a compõem (VALVERDE, 2024b).

De toda forma, será no Renascimento que vamos encontrar uma datação para a origem e difusão do termo paisagem, sendo ponto inicial para pensar os avanços pelos quais houve o emprego do termo. Observar as variações do termo ao longo das eras, é crucial para perceber que não é um conceito estático, longe dos debates e avanços sobre sua compreensão, transformados e moldados, atualmente, nos moldes do movimento de uma modernidade.

Quando estudamos um conceito ou buscamos referências, em linhas gerais, tendemos a trabalhar os pensamentos “importados” ao invés de articular as reflexões brasileiras. Um autor importante, com exímias contribuições para a geografia de forma geral é Milton Santos. A sua definição sobre paisagem, está relacionado a: “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores sons etc” (SANTOS, 1988, p.61).

Nota-se uma tensão entre o visível e invisível, entre o material e o imaterial, entre o objetivo e o subjetivo. Por esse conceito de paisagem, tais tensões são partes integrantes do debate. De fato, a perspectiva de que a paisagem seja dependente de um ponto de vista, da interpretação e representação de um autor/artista confere características próprias ao seu debate. Mesmo Humboldt já discutia a paisagem como representação em oposição a uma realidade perfeitamente objetiva. Entendemos que a paisagem necessariamente deva exprimir tal jogo intersubjetivo como parte da sua enunciação (VALVERDE, 2024a; VALVERDE, 2024b).

Segundo a definição de Santos, a visão de paisagem pode ampliar ou deformar segundo o lugar no qual o observador está, seja no ar, no chão, sobrevoando ou mesmo sobre um prédio, ou seja, a visão de paisagem está condicionada ao lugar que a pessoa está em observação. Com isso, o fato pode ser visto de várias formas, através do sistema cognitivo, por diferentes autores em relação ao que está sendo observado. Nas palavras de Santos: “A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada” (SANTOS, 1988, p.62).

Atualmente, os geógrafos analisam a estética das paisagens, sejam rurais, urbanas ou artísticas, considerando a convivência entre paisagem e homem. No âmbito político, os governantes usam as paisagens para apoiar suas mensagens e ideologias, planejadas para servir as utilidades dos serviços públicos, como autoestradas e das obras na cidade (VALVERDE, 2024a; VALVERDE, 2024b). Além disso, a paisagem pode refletir uma existência de poder, sendo usada como expressão da personalidade do grupo social relacionada entre o país como criação política, com o intuito de criar uma identidade de coletivos sociais ligados as lembranças e memórias (CLAVAL, 2002, p.22).

Como elaborado até o momento, o conceito de paisagem passa por diferentes compreensões ao longo dos anos e da área de conhecimento trabalhada, sendo usada para várias representações e definições que compreendem um sentido atrelado ao sujeito que observa um fenômeno ou um sentido político para identificação de um coletivo com o objetivo de manipular sua percepção real ao fenômeno.

Ainda que para alguns autores a paisagem seja descrita a partir da morfologia, pensando em suas características como vales, colinas e campos cultiváveis, a Geografia

Cultural demonstra uma nova forma de pensar a paisagem através da cultura. Há, portanto, mais de uma forma de compreender as marcas deixadas na paisagem pelo ser humano em sua constante adaptação ao meio.

Em Sauer (1963), a compreensão de paisagem cultural é um produto derivado das ações humanas sobre os ambientes naturais. Dessa forma, ele compreendia que as paisagens criadas refletem a sociedade que as criou, reproduzindo suas características. Sauer, com suas percepções, influenciou significativamente o estudo da relação entre os grupos sociais e o ambiente ao longo do tempo, as marcas deixadas pelo modo de vida na natureza. O pensamento de Sauer tinha por base a premissa na relação entre cultura e o ambiente na formação das paisagens e na compreensão das interações humanas com o mundo que as cerca. Ainda assim, Sauer argumentava que nem tudo na paisagem pode ser entendido de forma perfeitamente objetiva (SAUER, 1963; VALVERDE, 2024a; VALVERDE, 2024b).

A captura da paisagem, é algo que foi ganhando novas formas ao longo dos avanços da cultura e tecnologia. Em um passado pouco distante, a única representação era feita apenas em telas de arte, mas hoje, podemos registrar através de máquinas fotográficas e celulares. Isso, representa apenas uma captura de imagem. Porém, é possível ir além quando ouvimos sobre uma viagem, imagem ou descrições, transformamos os espaços e lugares com base em nossas compreensões de como estamos percebendo os mesmos.

A música tem muitos sentidos na vida dos seres humanos, pois podem exprimir o momento histórico ao qual está associada por intermédio de sentimentos ou da paisagem. Ela permite que seja possível sentir e imaginar uma experiência individual, na expectativa de que aquele registro seja capaz de sensibilizar e conscientizar a vida de outros. Na Geografia, o estudo da música como objeto aparece na segunda metade do século XX, em meio ao início das incorporações de expressões artísticas (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007).

Inicialmente, a Geografia das músicas era apenas um registro pequeno e complementar dos estudos gerais das paisagens e regiões (DOZENA, 2016). Colocava-se em contato com a identificação da “alma” regional, somando a ela seus instrumentos, suas melodias e seus artistas. Apresentava-se como sincronia entre o plano produtivo

regional e as suas formas de representação cultural, uma relação sociedade e natureza madura. Ainda que a geografia da música fosse uma expressão pouco tradicional, trazia um registro que não causava tanto estranhamento entre os geógrafos.

Estudar a paisagem das músicas das favelas, no entanto, parece exigir uma justificativa mais elaborada. O conceito de favela, tem alterações em sua compreensão de acordo com o campo discursivo. Durante muitos anos, a favela percebida, e fomentada, como área precária, provisória e destituída de equipamentos públicos, autoconstruções e acessos irregulares a serviços como formas de sobrevivência em cidades excludentes. Nesse processo, as favelas foram muitas vezes entendidas como registros negativos em plano geoeconômico. Apenas mais recentemente, as favelas têm sido reconhecidas pelas suas expressões culturais, entendidas, entre outras formas, pela sua música e pela estética do seu ambiente construído. O rap, assim como outros gêneros musicais, relatou e relata em suas letras a potencialidade que vive nas favelas, e o rap foi a maior expressão dessa voz a ser ouvida. Ainda que simples em plano técnico, precárias em sua durabilidade e polêmicas em seus sentidos sociais, tais expressões culturais possuem validade como conteúdo geográfico. É justamente na busca de paisagens da favela que este trabalho se desenvolve.

A importância da manifestação social como barreira para quebra de preconceitos, é colocada de forma precisa no rap, pois quem mora na favela sabe o que acontece nela, além disso, moradores das favelas ocupam todos os espaços da cidade, em sua grande maioria como trabalhadores. Essa discussão sobre o conceito de favela, repercute em várias áreas, desde a academia, coletivos artísticos da periferia e a indústria do entretenimento. Para moradores, a favela tem vários significados transitando entre visões positivas e negativas do espaço, enquanto na indústria do entretenimento a favela está, na maioria dos casos, associado a termos pejorativos e tragédias sociais como fome, pobreza e miséria. No que tange a academia, o conceito também sofreu alterações na compreensão e aplicação realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que desde o censo de 1970 anos usava denominação de “Aglomerados

Subnormais”<sup>1</sup> e passou a denominar, no censo de 2022, “Favelas e Comunidades Urbanas”<sup>2</sup>.

A favela concentra a maior parcela da população, espalhadas pelas cidades brasileiras. Produzidas por meio da expansão urbana, que abriga carências de investimentos em estrutura. Entretanto, a favela não vive apenas com as contradições dadas pelas expansões urbanas, vive da criação e produção cultural também. A produção musical é uma dessas criações dentro das favelas, como samba, hip hop e rap. Cada gênero musical foi criado de acordo com um objetivo de alegrar, expor ou denunciar a realidade das favelas. Entretanto, o rap brasileiro cria uma proximidade maior com seus semelhantes, compartilhada em escala nacional e marcada pelas denúncias do que ocorre nas favelas brasileiras, de acordo com o que é visto por esses compositores.

O rapper GOG, abreviação do seu próprio nome Genival Oliveira Gonçalves, é referência na cena do rap brasileiro de Brasília nos anos 90, embora tenha feito parte de suas composições na região centro-oeste do país, consequência das limitações tecnológicas da época e somado a isso, a cena do rap brasileiro se concentrou, em seus anos iniciais, em São Paulo. O GOG aborda em suas composições, a migração de trabalho em suas composições, mas também aborda o cotidiano violento das favelas, principalmente de Brasília, sua terra natal. Com a maestria de suas rimas, descreve os espaços que visita ao longo de sua trajetória de vida, citando nomes de bairros, avenidas, locais de referências nessas favelas e o que acontece nela. Na música “Dia a dia da periferia”, GOG insere o ouvinte por uma passagem nos bairros de Brasília e o cotidiano desses bairros com diferentes os sujeitos, localizações, valores e elementos de uma paisagem de uma favela descrita pelo rap. Como GOG introduz:

Aqui A Visão Já Não É Tão Bela  
Brasília Periferia Santa Maria É O Nome Dela  
Estupros, Assaltos, Fatos Corriqueiros

---

<sup>1</sup> Conjunto constituído por um mínimo de 51 domicílios, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia - pública ou particular - dispostos, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.

<sup>2</sup> Favelas e Comunidades Urbanas são territórios populares originados das diversas estratégias utilizadas pela população para atender, geralmente de forma autônoma e coletiva, às suas necessidades de moradia e usos associados (comércio, serviços, lazer, cultura, entre outros), diante da insuficiência e inadequação das políticas públicas e investimentos privados dirigidos à garantia do direito à cidade.

Desempregados Se Embriagam O Dia Inteiro  
A Boca Mais Famosa É Um Puteiro  
Onde O Que Só rola Me Desculpem Os Roqueiros Os Metaleiros  
É Só Rap, Forró E Samba Os Verdadeiros Sons Do Gueto<sup>3</sup>

Buscando sempre ilustrar a realidade vivida nas favelas, o rap tem composições que descrevem a paisagem cultural, vividas por eles ou por conhecidos. A relação entre música e paisagem é fundamental para análise ou estudos, como aponta Fernandes (2001, p. 17) que:

Do ponto de vista da geografia cultural desenvolvida por Glacken (1996), as instituições que cultivam a música e outras expressões artísticas sempre foram importantes instrumentos para as relações entre o homem e seu meio ambiente, principalmente quando este último se mostra hostil, porque através de tais instituições culturais os grupos sociais podem aprofundar a sua coesão, criar identidades e reinterpretar suas vidas, seus espaços vividos, o mundo e o seu próprio lugar no mundo. Nos subúrbios e favelas do Rio de Janeiro, as escolas de samba evidenciam as possibilidades de tal interpretação sobre os homens e o meio ambiente, já que através delas estas comunidades segregadas se aglutinaram, ganharam as suas próprias vozes e criaram uma expressão festiva de tal potência que, ao menos no campo simbólico, o que nunca é pouco, conquistaram o direito à cidade, num processo em que o samba acabará por ser confundido como uma das representações mais clássicas desta cidade e da nação.

Assim como o samba, o rap relata a realidade vivida nas favelas brasileiras, dialogando com o ser e o ambiente, criando expressões locais, difundidas nas músicas para outras favelas no país. Nesse sentido, surge o movimento Rap em São Paulo com a proposta de frear e denunciar as mazelas sofridas dentro e fora das comunidades. Com base em sua origem nos Estados Unidos, o Rap brasileiro tem características mais incisivas, pois rap é uma abreviação de Rhythm And Poetry (Ritmo e Poesia), mas no Brasil Rap é uma prática social mais radical que reflete as condições precárias de vida e se converte em movimento social. Por tratar de questões da realidade nas favelas, é notável a identificação e comparação entre elas nas músicas, seja por sua característica principal, localizadas nas zonas periféricas das cidades, ou pelo povo, comércio e outras identidades, como é tratado pelo rapper GOG,

---

<sup>3</sup> GOG. Brasília Periferia. In: *Dia a Dia da Perifeira*. 1994. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=J\\_p2S9S9ail](https://www.youtube.com/watch?v=J_p2S9S9ail)>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Daqui To Vendo Luzes Acesas É Samambaia  
Vários Botecos Abertos, Várias Escolas Vazias  
Coisas Inacreditáveis Acontecem A Luz Do Dia  
Lá O Vibrião Da Cólera Seria Epidemia  
Reduto Eleitoral Bastante Disputado  
Hoje Dominado Por Um Infeliz  
Cujo O Nome Se Rima Não Se Diz  
Mas Nem Tudo Em Samambaia É Ruim  
Mix Mania Quando Rola Rapaziada Curte Até O Fim  
Altos Grupos Preza Gente De Atitude  
Gente Honesta Que O Poder Ilude  
Com Sua Ambição Mesquinha  
Brasília Periferia Também Tem Sua Rocinha  
E Muita Gente Que Pra Ter O Que Comer Em Casa  
Tem Que Pegar O Que Sobrou Pelo Chão No Feirão Da Ceasa<sup>4</sup>

Aqui vemos a comparação entre duas favelas distantes geograficamente, porém próximas no seu dia a dia, com dificuldades similares e observações acerca dos acontecimentos cotidianos nas favelas brasileiras. “No Brasil o oprimido desabafa com a voz”<sup>5</sup> e essa voz tem repercussões em diferentes dimensões, dentro ou fora das favelas. Voz esta, que causa desconforto no alvo das denúncias realizadas pelo movimento, e que resulta em tentativas de silenciamento. Além do GOG, há outros rappers que retratam o cotidiano nas favelas de Brasília, como Câmbio Negro e Álbi e Dj Jamaica.

As favelas de Brasília, são herança das moradias dos trabalhadores da construção de Brasília, projeto feito pelo então presidente Juscelino Kubitschek, com a intenção de mover a capital do Rio de Janeiro para o que viria ser Brasília, na região central do país. A paisagem de Brasília, é marcada pela divisão contraste social, ao centro, há a construção da sede do governo brasileiro e ao redor, as favelas. Entretanto, as favelas tomaram corpo e ganharam dimensão territorial que inicialmente não foi pensada, aos projetos de Brasília como é o caso da favela de Sol Nascente, que fez parte de Ceilândia. GOG provoca o imaginário do ouvinte, para pensar sobre lugares e compará-los,

O Centro De Erradicação  
De Invasões Criadas No Governo

---

<sup>4</sup> GOG. Brasília Periferia. In: *Dia a Dia da Perifeira*. 1994. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=J\\_p2S9S9ail](https://www.youtube.com/watch?v=J_p2S9S9ail)>. Acesso em: 18 jun. 2025.

<sup>5</sup> Trilha Sonora do Gueto. Deus É Mais. In: *Us Fracu Num Tem Veiz*. 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D74YkQvaNBo>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Médici. Prepare-Se Pois A Área  
Não Tem Nada A Ver Com A Disneylândia  
C.I Pra Quem Não Sabe É A Ceilândia  
Eu Tô Em Casa. Aqui Os Chegados Sempre Respeitaram As Caras  
No Quarentão, No Santana, No Primão, Paradão  
No Sol E Água, Bernardo Sayão  
Altos Bailes Blacks  
Se O Riacho Tem GOG, Ceilândia Tem X.<sup>6</sup>

Na paisagem podemos encontrar uma porta para a cultura, segundo Sauer. Sua definição percebe a paisagem como uma relação entre os fatos de um determinado lugar, criando uma identidade e particularidade na paisagem. Perceber esses elementos da cultura por meio da paisagem passa por diferentes compreensões. Entender a relação, que vai se criando é crucial para relacionar ambos os elementos na compreensão de Sauer, conforme trecho abaixo que relaciona locais e determinadas descrições sobre a paisagem

Bola Pra Frente Há Muito Chão Ainda  
Vamos Passar No Parque Da Barragem  
Almécegas, Girassol, Águas Lindas  
Lá A Roger Minha Mina Tem Até Um Tia  
Todo Dia Tenho Que Estar As Treze Em Ponto No SIA  
Um Campo De Futebol A Bola A Molecada Brinca  
Rodeador São José E O INCRA  
Que Tal Curtir Em Brasilinha?  
É Só Quebrar Por Brazlândia, Sobradinho  
Passar Por Planaltina Dar Um “T”  
Na Casa De Uns Chegados No Vale Do Amanhecer  
Trocar Ideia Com O Pessoal Lá Do Pombal  
Do Caveral. Vida Longa Thales Código Penal  
O Suficiente Para Ver Melhorias  
Mudança De Clima  
Na Vila Arapoanga, Rio Preto, Vila Vicentina  
Buraco, 11A, Tabatinga  
Vila De Fátima, Setor Sul, Garrancho,  
Onde Os Problemas Nunca Foram Tantos  
Mãe Chorando Mãe Se Matando Até Quando?  
GOG, Vamô Nessa?<sup>7</sup>

Ao continuar analisando a música, é possível destacar os elementos que compõem o lugar e como estão relacionados com outros. Para Santos, a observação da

---

<sup>6</sup> GOG. Brasília Periferia. In: *Dia a Dia da Perifeira*. 1994. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=J\\_p2S9S9ail](https://www.youtube.com/watch?v=J_p2S9S9ail)>. Acesso em: 19 jun. 2025.

<sup>7</sup> GOG. Brasília Periferia. In: *Dia a Dia da Perifeira*. 1994. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=J\\_p2S9S9ail](https://www.youtube.com/watch?v=J_p2S9S9ail)>. Acesso em: 20 jun. 2025.

paisagem está relacionada ao posicionamento do observador. Essa reflexão, mostra um elemento importante para a análise musical do rap, uma vez que tem por objetivo relatar o que acontece nas favelas, é sempre uma observação que pode ser distorcida por quem está de fora dela. A lembrança, faz parte do processo de compreensão da paisagem, se fazendo crucial para o resgate do que foi para o que está se transformando,

É Tão Bom Relembrar A Igrejinha, O Cave  
Os Magrellos, Os Bira, Criatividade Palavra-Chave  
Quem É Das Antigas Sabe  
Na Fita Veio O Cruzeiro Com O Tempo Do Pandiá  
Depois Bater Um Rango Na Fonte Do Bom Paladar  
Curtindo Com Sandrão E Tanião  
Ouvindo De Fundo O Batuque  
Que Na Madrugada Rolava No Galpão Da Aruc  
A Candanga E O Bambam Sempre Tiveram Que Tempo Bom Queen,  
Fumaça No Salão Som Ao Som Da Dizzy Som  
Na Metro, Na Divinéia Altos Lazer  
Balanço Com A Equipe Do Léo Até Amanhecer  
Rap Nacional Manda Ideia Você Decide  
Nascia Entre Nós A Favela Do Thaide  
Um Grande Irmão  
Casa Grande, Arniqueira, Só Frango  
Bernardo Sayão, Sobreviver Nossa Missão  
O Que Falta Na Elite Na Periferia Tem De Sobra  
Solidariedade E Humildade A Toda Hora  
O B A Bá Da Vida É A Nossa Escola  
E Pode Crer Disposição Temos De Sobra  
Se Não Passamos Pela Sua Cidade  
Com Certeza Ela Estará Na Próxima Viagem  
Periferia Esta Foi Nossa Mensagem<sup>8</sup>

Assim como todo movimento, há diferentes formas de manifestação cultural dentro do próprio movimento. Saber identificar e apontar uma vertente da cultura é crucial para não gerar unanimidade dentro de um universo vasto como o rap. Segundo Oliveira (2015, p. 18),

Impõe-se, no entanto, reconhecer que nem todos os habitantes do planeta rap leem pela mesma cartilha. Neste livro se concedeu prioridade absoluta aos rappers engajados, o setor mais expressivo do rap no Brasil. Porém convém explicitar que diferentes mundos se agitam à sombra dessa prática cultural. Assim, pode-se constatar a existência de uma gama imensa de vertentes, que por vezes se misturam, até porque suas fronteiras são móveis. Desde o “rap gospel” (do Pregador Luo, Apocalipse XVI, Ao Cubo e Provérbio X) ao “rap do

---

<sup>88</sup> GOG. Brasília Periferia. In: *Dia a Dia da Perifeira*. 1994. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=J\\_p2S9S9ail](https://www.youtube.com/watch?v=J_p2S9S9ail)>. Acesso em: 20 jun. 2025.

bem” (no qual são enquadrados MC Jack e Marcelo D2), passando pelo “rap mauricinho” (de Gabriel, O Pensador e Léo Stronda), essas divisões encarnam distintas dicções do rap brasileiro e sua classificação já pressupõe todo um campo de disputas e concorrências. Isso para não mencionar outros enquadramentos estilísticos que embasam, por exemplo, correntes como o rap gangsta e o rap underground.

Em contraposição ao que se vê em Rap e política, os defensores de um “rap do bem” não compactuam com o que eles interpretam como incentivo à violência, ao crime e às lutas de classe contidos nos raps aqui enfatizados, nos quais as palavras se convertem em estilhaços. Sintonizado com uma proposta de outro teor político, Marcelo D2, ao explicar as diferenças entre o rap de São Paulo e do Rio de Janeiro, sua base de atuação, não admitiu, em entrevista a Pedro Alexandre Sanches, que “tentamos fazer uma parada do bem, sem tiro, para tentar levantar a moral da galera”?

O alcance de cada estilo varia de acordo com o grupo social que está vinculado. O GOG, abreviação de Genival Oliveira Gonçalves que leva seu nome artístico, destaca em suas músicas o dia a dia da periferia, inclusive lançou um álbum de mesmo nome, com uma poesia marcante e livre de qualquer palavrão ou xingamento. Seu alcance, permeia várias idades, desde os mais novos até os mais velhos, inclusive a ideia cantar algo que sua mãe pudesse ouvir sem se preocupar com um xingamento ou palavrão que é um sentimento expresso comum nas letras de rap. Inclusive, o próprio GOG informa sobre as decepções, sentimentos e aspirações que norteiam as vidas das pessoas nas favelas:

São momentos diversos. São acontecimentos em tempos diferentes, músicas diferentes. Mas olha só, [as canções] “Momento seguinte”, “Periferia segue sangrando”, “Mais uma história” e “Quando o pai se vai”, quando você pega cada uma delas, cada uma dessas criações e você monta, você: “Caramba! Olha só, que quebra-cabeça! Que louco. Um quebra-cabeça social”. [...] Só pra você ver, [as músicas] “Assassinos sociais”, “Fogo no pavio”, “Eu e Lenine – a ponte”, tudo isso, se você perceber, aconteceu comigo, mas aconteceu com você também, e você consegue entender o que eu falo.<sup>9</sup>

A música “Dia a Dia da Periferia”, composta por GOG e publicado no CD “Dia a Dia da Periferia”, de 1994, expande a percepção da noção de vida vivida nas favelas no país. A compreensão de Sauer (1963), no que diz respeito a paisagem cultural, seria o produto derivado das ações humanas sobre os ambientes naturais. Por outro lado, perceber as ações humanas dentro desses ambientes pode ser uma outra forma de a

---

<sup>9</sup> GOG, DVD Cartão postal bomba (Brasília, Só Balanço, 2009).

paisagem cultural. A ação humana sobre o ambiente natural diz muito sobre a relação que estabelecemos com o ambiente. Porém, o que podemos acrescentar quando entram as ações humanas somadas ao ambiente? Na medida em que as trocas humanas se mostrem simbólicas da área, regulares em suas expressões e representativas da vida de outros, é possível dizer que possam ser entendidas como conteúdo da paisagem, ainda que não necessariamente expressem o trabalho da natureza (VALVERDE, 2024a; VALVERDE, 2024b). Para ilustrar essa resposta, recorreremos ao GOG e suas composições:

Eu ligo o som lá em casa, é inevitável,  
A molecada vem de todos os lados,  
E já, na porta, altos cumprimentos,  
Comentários sobre o dia no Plano.  
E, nesse entra e sai, vai e vem,  
Todos se divertem  
E alguns até esquecem que, às quatro e meia da matina,  
A rotina se inicia: Arroz, feijão na marmitta fria.  
Mas fazer o quê? Se a lei aqui é sobreviver.  
Todo dia é mais um dia d.  
Será que um dia isso vai se inverter?  
Só se alguém se envolver – Deus nos ajude!  
- As chances de sobrevivência, é verdade, aqui, são poucas  
E infelizmente grande parte das garotas  
Com apenas 10, 12 anos estarão engravidando.  
Famílias desajustadas, crianças são exterminadas,  
Crescem mal alimentadas.  
Problemas sociais aqui minam como pragas.  
Nas escolas, são discriminadas pela dificuldade na assimilação,  
Estão a um passo da reprovação, que ano a ano se tornará uma tradição.  
De barriga vazia, ninguém se segura, não, e pra Rodoviária vão, em vão,  
À procura de trabalho, ou trabalho escravo?  
Qual a melhor definição?  
Pois os métodos praticados são bem claros:  
Trabalho, trabalho, por um mísero salário!  
Ralam o dia inteiro por uma merreca de grana<sup>10</sup>

O início da música já elucida uma representação da paisagem e do que virá a seguir. No decorrer dos versos, são montadas na cabeça do ouvinte as diversas paisagens encontradas no cotidiano nas favelas, a molecada em todo lado, a rotina a iniciar, a escola, o Plano e a Rodoviária, relacionando essas paisagens que para o autor, é o retrato das dificuldades e problemáticas enfrentadas nos espaços que contempla a

---

<sup>10</sup> GOG. Brasília Periferia. In: *Dia a Dia da Perifeira*. 1994. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=J\\_p2S9S9ail](https://www.youtube.com/watch?v=J_p2S9S9ail)>. Acesso em: 20 jun. 2025.

paisagem, em meio a busca pela sobrevivência por meio do trabalho, que muitas vezes, em vão. Esse cotidiano é encarado quase sempre com questionamentos a respeito das dificuldades existentes. Mesmo em meio a tanta tragédia, o rapper procura trazer para discussão os problemas, não apenas evidenciar e morrer ali a crítica, mas provocar o debate para buscar caminhos de superação daquela paisagem.

Continuando nos versos mais adiante, há uma busca pela superação dos conflitos e adversidades existentes transformado em poesia. Conforme destaca o trecho abaixo, a violência visual chega ao ponto de influenciar em pensamentos também violentos, porém a ideia é seguir outros caminhos que,

Sinceramente vem na mente a violência,  
Mas nosso som não prega essa essência.  
E, nesse exato momento, coincidência ou não,  
Meu irmão, Luizão, que havia chegado,  
E eu nem tinha notado,  
Diz que tem uma surpresa, e avisa:  
- Aí, rapaziada, vai rolar pra vocês, nada mais nada menos  
Que o mestre dos mestres:  
Bezerra da Silva  
- E em seguida se ouviu:  
- Alô, alô todas as Favelas do meu Brasil!  
E em cada rosto um sorriso verdadeiro, dá pra ver.  
Venham ver o verdadeiro brasileiro,  
Escondido em faces corroídas, deprimidas  
Pelo sol a sol da lida  
Um povo que apanha, apanha e se levanta com a certeza  
Que na vida se ganha  
Com trabalho, e não com artimanhas.  
Sonha todo dia com melhores dias,  
Nem que seja por um dia só  
É nota 10 no baralho, no palito, no boteco, no jogo de dominó  
E no batuque que rola, que fala da vida, ele se identifica.  
Graças a Deus, ritmos íntimos negros dominando, enfim.  
E só assim, todo esse mal a gente assimila,  
Transforma em poesia,  
Dia-a-dia da Periferia  
Dia-a-dia, dia-a-dia, dia-a-dia da Periferia!  
Dia-a-dia, dia-a-dia, dia-a-dia da Periferia!<sup>11</sup>

A música e a paisagem cultural dentro do movimento rap são retratos das relações entre natureza e as ações humanas que interferem no espaço e nas relações entre si mesmos (SAUER, 1963). O recurso cultural como forma de entendimento da realidade

---

<sup>11</sup> GOG. Brasília Periferia. In: *Dia a Dia da Perifeira*. 1994. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=J\\_p2S9S9ail](https://www.youtube.com/watch?v=J_p2S9S9ail)>. Acesso em: 20 jun. 2025.

dentro das favelas denota o ponto crucial para análise dos conflitos e a forma de pensar formas de superação, seja através do desabafo com a voz ou buscando outros caminhos trágicos.

Ao longo dos anos, a paisagem ganhou diferentes formas de interpretação, saindo do retrato de lugares belos para ganhar novas formas em diferentes perspectivas, se tornando um conceito renovado para a compreensão do pensamento geográfico. Sendo assim, a confluência da música e da paisagem formam um campo fértil para estudos e devem ser valorizados e incentivados, pois a paisagem, no sentido em que aqui foi tomada, reflete expressões vivas e intensas da vida social, a despeito de não serem tradicionais em nossa ciência (VALVERDE, 2024a; VALVERDE, 2024b).

## Capítulo 2

### As paisagens da cidade nas músicas do Facção Central e Racionais MC's

A paisagem pode ser abordada por várias formas diferentes. Ao mesmo tempo, é possível que ela reflita um projeto estético do estado ou de um grande agente privado, uma representação intencional de um artista e uma percepção compartilhada por indivíduos (VALVERDE, 2024a; VALVERDE, 2024b). Entendemos então que o sentido político da paisagem no capitalismo pode ser algo particularmente agressivo para determinadas classes sociais presentes e que permeia essa paisagem, como acontece na cidade de São Paulo.

A cidade de São Paulo é repleta de manifestações culturais. Essas manifestações culturais abordam diferentes percepções sobre a paisagem construída da cidade. É vendida uma concepção global e moderna da paisagem da cidade, supostamente acolhedora de todas as manifestações culturais e étnicas. Porém, este é um cenário vendido pelo estado, assim como pela grande mídia burguesa. As paisagens reais de São Paulo são mais variadas e conflituosas, repletas de contradições e lutas. Para os fins deste trabalho, destacamos que o movimento hip hop ressignifica a paisagem da cidade por intermédio do grafite, break dance, do pixo e do rap. Defendemos que esse movimento tem um papel fundamental em relatar a visão que a maioria esmagadora da população tem sobre a cidade em que vivem, como bem explicita o grupo Racionais MC's em uma de suas músicas:

Firmeza? Não é questão de luxo, não é questão de cor  
É questão que fartura alegra o sofredor  
Não é questão de preza, nêgo, a ideia é essa  
Miséria traz tristeza e vice-versa  
Inconscientemente vem na minha mente inteira  
Na loja de tênis o olhar do parceiro feliz  
De poder comprar o azul, o vermelho  
O balcão, o espelho, o estoque, a modelo  
Não importa, dinheiro é puta e abre as portas  
Dos castelos de areia que quiser  
Preto e dinheiro, são palavras rivais  
É, então mostra pra esses cu como é que faz  
O seu enterro foi dramático como um blues antigo  
Mas de estilo, me perdoe, de bandido  
Tempo pra pensar, quer parar, que 'cê quer?

Viver pouco como um rei ou muito, como um Zé?

Às vezes eu acho que todo preto como eu  
Só quer um terreno no mato, só seu  
Sem luxo, descalço, nadar num riacho  
Sem fome, pegando as frutas no cacho  
Aí truta, é o que eu acho, eu quero também  
Mas em São Paulo, Deus é uma nota de cem  
Vida Loka<sup>12</sup>

Em seu verso final, a comparação entre Deus e a nota de cem reais, simboliza as relações dentro da cidade de São Paulo. Os versos que antecedem o final, relatam a imaginação de uma paisagem na qual o ouvinte é encaminhado a percorrer, mas que antes de se perder diante daquela paisagem, é resgatado para a realidade, lembrando que a realidade é um Deus que tem um preço, a nota de cem reais e que a paisagem antes imaginada não é possível, ou seja, a verdade sobre a cidade não é aquela descrita e vista nos jornais e nas propagandas, mas sim uma zona de conflitos e interesses muito bem articulados sobre a paisagem da cidade.

A comparação entre Deus a uma nota de cem reais não é por acaso. O Deus retratado no verso, se refere ao Deus cristão que, segundo o Datafolha<sup>13</sup>, no Brasil a metade da população é católica. Esse dado, é fundamental para entender a escolha de Deus para a comparação. O Deus cristão é considerado como o criador de todas as coisas, tendo seus atributos divinos a onipotência, a onipresença e onisciência. Dessa forma, a nota de cem, até a época escrita do verso, era a de maior valor, representando assim a força dentro do capitalismo, e Deus teriam em comum na cidade de São Paulo, pois em São Paulo, muitos estão curvamos para o dinheiro e não para Deus.

Para pensar a cidade de São Paulo e suas paisagens, é necessário estar atento para a forma como quem vive a representa, de tal forma nem sempre a paisagem é aquilo que se mostra, mas um complexo de elementos nas entrelinhas, que para analisar com cuidado, é necessário repertório. A importância de repertório, para melhor compreensão da paisagem, é fundamental para compreender com tamanha magnitude os elementos

---

<sup>12</sup> Racionais MC's. Vida Loka, Pt.2. In: *Nada Como Um Dia Após O Outro Dia*. 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=hNHlc7Poldg&list=RDhNHlc7Poldg&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=hNHlc7Poldg&list=RDhNHlc7Poldg&start_radio=1)>. Acesso em: 21 jul. 2025.

<sup>13</sup> Conferir os dados da matéria em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2025.

que compõe a paisagem, assim como aprofundar ou comparar. Isso é refletido na música do grupo Facção Central, relacionando a cidade de São Paulo com Auschwitz:

Diz o texto do Artigo número 3 da Declaração dos Direitos Humanos  
Cada indivíduo tem o direito de viver livre e com segurança  
Para quem vive em grandes metrópoles, como São Paulo  
Essa frase pode parecer uma grande piada

Aqui é Facção, direto do Campo De Extermínio  
Testemunha da carnificina embaixo da chuva de tiro  
[...]  
Amanheceu e a cena é preservada pela PM  
Enquadraram, viram que era polícia, adeus tenente!  
Fita na Kombi da Marlboro, burguesa enterrada viva  
Chacina na escolta do caminhão das Casas Bahia  
Não tem poder aquisitivo, enfia no cu seu distintivo  
Pra SP Auschwitz nem blindagem sexto nível

Embaixo da chuva de tiro, testemunha do genocídio  
Aqui é Facção, direto do Campo de Extermínio  
Embaixo da chuva de tiro, testemunha do genocídio  
Aqui é Facção, direto do Campo de Extermínio<sup>14</sup>

A música apresenta uma crítica contundente e visceral à realidade cotidiana de São Paulo. A letra inicia com uma referência irônica ao Artigo 3 da Declaração dos Direitos Humanos, afirmando os direitos básicos e liberdades dos seres humanos que são inalienáveis e independentes de raça, gênero, nacionalidade, etnia, religião ou qualquer outra condição. No entanto, para os moradores das periferias de São Paulo, essa declaração parece uma piada amarga, dada a violência e a falta de oportunidades que enfrentam no cotidiano.

Um dos vocalistas, Eduardo Taddeo, descreve São Paulo como um "Campo de Extermínio", uma referência aos campos desenvolvidos pelos nazistas para tornar as mortes mais eficazes, onde a vida humana é desvalorizada e brutalmente retirada. Ele fala sobre a brutalidade policial em São Paulo, que em contrapartida, se soma a falta de perspectivas e a criminalidade passa a ser uma forma de sobrevivência. A comparação entre São Paulo e Auschwitz é poderosa e perturbadora, que inicialmente não é possível conceber tal comparação, mas ao analisar o restante dos trechos seguintes, é possível começar a entender a semelhança feita pelo grupo nos versos,

---

<sup>14</sup> Facção Central. São Paulo - Aushwitz versão brasileira. In: *Direto do Campo de Extermínio*. 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs\\_LmYams](https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs_LmYams)>. Acesso em: 21 jul. 2025.

Não tem chance o filho da tia que se mata no tanque  
O número 1 do ranking tem um apê em Miami  
Se você não tem mansão com cerca eletrificada  
Pode amarrar o motorista, catar a carreta e a carga  
Mandei minha mina tomar Cytotec pra abortar  
Mata o feto, pro sistema, o homem não matar  
Um a menos com a caixa de isopor no farol  
Sendo olhado com nojo enquanto oferece Skol  
Sou condenado a vender brinquedo do Paraguai  
No máximo ser perueiro: Tá vazia, quem vai, vai!<sup>15</sup>

Dialogando com os acontecimentos na cidade, o trecho aborda um ponto crucial que é a vida. Em ambos os casos, a paisagem é de sofrimento e morte, semelhante ao campo de concentração nazista. A letra ainda aborda outros temas como a desigualdade social, a corrupção e a falta de esperança, descrevendo uma paisagem sombria da vida nas favelas e periferias.

A paisagem moldada para aspectos que visem o progresso é uma característica visível nos Estados de seus respectivos governadores, propagando o ideal de ordem e bem-estar social. A ideia central é usar da paisagem como ferramenta de persuasão aos olhos de quem vive nas cidades, assim como quem está de fora. Um exemplo cotidiano que cabe ressaltar esse fato, está no fato de pessoas migrarem de outras regiões do país, principalmente do nordeste brasileiro, para a região sudeste em busca de oportunidades, quando na verdade é apenas uma propaganda de empresas e governo do Estado, manipulando a verdade sobre os reais acontecimentos e situação daquele Estado. Isso, ressalta o poder de trabalhar a paisagem na tentativa de ludibriar os fatos em favor de organizações privadas e mesmo públicas, passando uma paisagem que conflita com a realidade cotidiana dos cidadãos (CLAVAL, 2002, p.22).

Enquanto os políticos moldam a paisagem de suas cidades para serem atrativas, as pessoas, grupos ou movimentos seguem contrários e denunciando essa paisagem moldada. Dum Dum, outro membro do grupo, continua a narrativa, destacando as contradições do sistema, falando sobre a brutalidade policial, a corrupção dentro do sistema carcerário e a falta de oportunidades para os jovens. Além disso, também mencionada outras violências dentro da cidade, compondo a paisagem, como a violência

---

<sup>15</sup> Facção Central. São Paulo - Aushwitz versão brasileira. In: *Direto do Campo de Extermínio*. 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs\\_LmYams](https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs_LmYams)>. Acesso em: 21 jul. 2025.

contra as mulheres e a exploração sexual, evidenciando como a pobreza e a falta de oportunidades podem levar a situações extremas. A menção feita sobre o Bin Laden<sup>16</sup> e o terrorismo, é a forma encontrada pelo grupo de expressar a raiva e frustração contra um sistema que parece imutável e opressor.

Mora na favela, seca a farda escondido  
Vítima do mesmo holocausto mais lambe o saco do executivo  
Sonha comigo no sistema carcerário brasileiro  
Que só fica preso quem não tem arma nem dinheiro  
100 mil reais e o carcereiro se envolve  
Inventa doença e no trajeto do PS você foge  
Ou de repente um helicóptero sequestrado  
Sem levar um tiro te resgata do pátio  
Tipo filme do Al Pacino, minissérie da Globo  
[..]  
Queria ser terrorista com o apetite do Bin Laden  
Pra jogar no Congresso 6 aviões da Varig  
E me vingar pelas crianças sem escola em São Paulo  
Os velhos no lixão, disputando comida com rato  
Aqui, pra ter a cesta biológica básica  
Só caindo do avião da ONU, tipo na África  
Dão motivo pra disparar AK no banqueiro  
Pra no ano ter 300 no cativo  
Enquanto o casal de Pajero paga 80 no camarão  
A mãe põe a filha no puteiro, pra trazer a refeição  
Só no BO falsificado diminui os homicídios  
Pra SP Auschwitz nem blindagem sexto nível<sup>17</sup>

A compreensão da paisagem cultural, segundo Sauer (1963), é tida como um produto derivado das ações humanas sobre os ambientes naturais, compreendendo as paisagens como um reflexo da sociedade criadora, acabando por reproduzir suas características. O pensamento de Sauer tinha por base a premissa na relação entre cultura e o ambiente na formação das paisagens e na compreensão das interações humanas com o mundo que as cerca.

A música é um grito de revolta, e um chamado à atenção para as injustiças sociais que persistem nas grandes cidades brasileiras. O grupo utiliza a linguagem direta para expor a brutal realidade que muitos preferem ignorar. A letra é um testemunho da

---

<sup>16</sup> Osama bin Mohammed bin Awad bin Laden, foi um dos membros sauditas da próspera família bin Laden, além de líder e fundador da Al-Qaeda, organização terrorista à qual são atribuídos vários atentados contra alvos civis e militares dos Estados Unidos e seus aliados, dentre os quais os ataques de 11 de setembro de 2001.

<sup>17</sup> Fação Central. São Paulo - Auschwitz versão brasileira. In: *Direto do Campo de Extermínio*. 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs\\_LmYams](https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs_LmYams)>. Acesso em: 29 jul. 2025.

resistência e da luta diária dos moradores das periferias, que enfrentam um verdadeiro genocídio urbano. O refrão "Embaixo da chuva de tiro, testemunha do genocídio"<sup>18</sup> reforça a violência constante vivida nas periferias.

Embaixo da chuva de tiro, testemunha do genocídio  
Aqui é Facção, direto do Campo de Extermínio  
Embaixo da chuva de tiro, testemunha do genocídio  
Aqui é Facção, direto do Campo de Extermínio<sup>19</sup>

Os relatos cotidianos nas músicas de rap, são fundamentais para analisar a paisagem e seus elementos presentes, diante de vários fatores que podem influenciar na percepção da paisagem. A forma como a paisagem é moldada para diferentes pessoas, é resumida através da sua cor de pele. "Negro Drama"<sup>20</sup>, relata a paisagem da percepção do negro frente a sociedade e o que ela tem a oferecer. Ela descreve passagens importantes sobre a paisagem de São Paulo, vista na visão do grupo, formado apenas por pessoas negras. A música, expõe a percepção do grupo enquanto negros sobrevivendo ao cotidiano na cidade:

Nego drama  
Eu sei quem trama e quem tá comigo  
O trauma que eu carrego  
Pra não ser mais um preto fodido

O drama da cadeia e favela  
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas  
Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia  
Que sobrevivem em meio às honras e covardias<sup>21</sup>

Outra leitura sobre a paisagem da cidade de São Paulo, aborda a arquitetura da cidade, como a paisagem se é marcante por elementos conhecidos e característicos, presentes na paisagem:

Daria um filme  
Uma negra e uma criança nos braços

---

<sup>18</sup> Facção Central. São Paulo - Aushwitz versão brasileira. In: *Direto do Campo de Extermínio*. 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs\\_LmYams](https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs_LmYams)>. Acesso em: 29 jul. 2025.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Racionais MC's. Negro Drama. In: *Nada Como Um Dia Após O Outro Dia*. 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tWSr-NDZI4s>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

<sup>21</sup> Idem.

Solitária na floresta de concreto e aço  
Veja, olha outra vez o rosto na multidão  
A multidão é um monstro sem rosto e coração

Hei, São Paulo, terra de arranha-céu  
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel  
Família brasileira, dois contra o mundo  
Mãe solteira de um promissor vagabundo<sup>22</sup>

A paisagem é descrita na música, como uma floresta de concreto e aço, remetendo os prédios as árvores, que cercam uma mãe e sua criança, que continua descrevendo a paisagem com suas enormes construções. Aqui é aberto espaço para aprofundar dimensão espacial da cidade de São Paulo, assim como a paisagem que vai sendo construída através de projetos históricos.

A cidade de São Paulo é palco de diferentes demonstrações políticas, através da música e da arte. Neste cenário, aparece o grupo Fação central, dentre tantos outros, para descrever como é a vida fora do cartão postal da cidade. É mais do que importante, sinalizar as mudanças na paisagem e na arquitetura urbana da cidade de São Paulo que se encontra no processo de acumulação flexível, pautada na superação do fordismo, com novas formas de fornecer serviços financeiros e setores de produção inteiramente novos (HARVEY, 1992, p. 140). Porém encontra dificuldades com sua forma de urbanização, baseada no pensamento de Hausmann (1809-1891) sobre a arquitetura urbana das cidades modernas:

(...) fez da cidade inteira um sistema de comunicações: uma rede hierarquizada de vias põe fim ao enclave dos bairros, coloca em comunicação os pontos chave e cardeais da cidade entre si e com as estações de trem, portas urbanas que conectam a cidade fechada ao conjunto do território nacional. Corolariamente, ele aumentou a escala da cidade inteira, conjugando operações cirúrgicas (aberturas, alargamentos) e implantes (integração de todos os espaços livres intramuros tanto no interior como no exterior dos limites da muralha precedente). Ele enfim dotou a cidade inteira de um equipamento higiênico concebido sob a forma de redes técnicas isomorfas e de um sistema respiratório de espaços verdes (CHOAY, 1996, p. 12).

Esse projeto hausmanniano é fortemente aproveitado na acumulação flexível,

---

<sup>22</sup> Racionais MC's. Negro Drama. In: *Nada Como Um Dia Após O Outro Dia*. 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tWSr-NDZI4s>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

devido sua padronização no centro da cidade, como é o caso de São Paulo. Permitindo uma melhor circulação de mercadorias.

O centro da cidade de São Paulo é palco de grandes manifestações sociais e culturais, embora seu projeto de urbanização demonstra que esse palco seria apenas para a comercialização de mercadorias e de padronização da arquitetura. Isso acarretou diversos problemas sociais e de manifestações culturais. Esses problemas foram articulados ao longo do tempo, como uma forma de reprimir sua própria diversidade na paisagem.

Esse projeto não visava apenas a melhoria das relações de comércio e dos espaços. Suas intenções de alargamentos das ruas para melhoria da circulação, eram também, para facilitar a repressão por parte do Estado, de manifestações políticas e sociais que houvesse. Como também de manifestações artísticas (muitas das vezes vindas da periferia), no caso de São Paulo mais precisamente, criando um imaginário de repressão sobre a percepção da diversidade da própria cidade.

As repressões de manifestações políticas e sociais ganharam força dentro desse modelo de cidade, com as largas ruas e avenidas, por meio da maior mobilidade das forças do Estado. No passado, mesmo com as forças repressoras tendo como meio de mobilidade a tração animal, era difícil sua intervenção, as manifestações organizavam barricadas para impedir sua passagem. Ou mesmo quando essas conseguiam furar o bloqueio, tinham pouca mobilidade, por haver ruas mais estreitas. Isso acabou tirando a concentração das manifestações no centro da cidade, ocasionando por meio disso, uma complicação na organização das manifestações, já que era mais fácil reprimir essas atividades políticas. Com isso, houve maiores repressões por meio do Estado sobre determinados atos políticos, em detrimento dessa nova forma do centro da cidade. Além disso, é importante destacar as mudanças na paisagem geradas através da necessidade do capital em meio a cidade.

Os padrões estabelecidos dentro do pensamento de Hausmann foi criando ao longo do tempo um imaginário de repressão as formas de diversidades. Esse imaginário é uma construção que está inteiramente ligado a propriedade privada. No centro é vista uma diversidade de expressões visuais, como o pixo e o grafite, sobre a homogeneidade dos prédios, dando contornos e formas transgressoras na paisagem.

As expressões são encaradas como uma agressão aos olhos, mas na verdade essa agressão seria uma provocação sobre esses padrões estabelecidos na cidade. É uma revolta de quem foi deixado de lado no planejamento de Hausmann, das pessoas que foram distanciadas do centro, dando espaço as mercadoras e a circulação intensa de veículos. Nesses movimentos, a arte é uma expressão de sua realidade e cotidiano em meio ao distanciamento dessas pessoas, uma forma de serem vistos e não mais esquecidos, de voltarem a fazer parte de um lugar do qual foi e é excluído. Com isso, é possível perceber que a cidade é um espaço de relações de comércio, não de interação humana entre humanos e natureza, ou mesmo sua própria criação (ROBERTO; WAINER, 2009).

O atual estado da cidade e sua paisagem nos serve como uma alerta para o que estamos nos tornando. No centro não se encontra espaços para crianças poderem brincar, sua brincadeira é ir aos shoppings, sua diversão está baseada na cultura do consumo, no qual só seria possível encontrar espaços para um lazer, onde se possa pagar para ter. Isso deveria nos fazer pensar se somos pessoas com dinheiro, ou dinheiro com pessoas. Somos abertos a diversidade, ou abertos a homogeneidade. Nessa ótica, é possível observar os problemas decorrentes da forma urbana que se encontra o centro da cidade de São Paulo, a qual deu espaço as mercadorias em vez das pessoas. Ou seja, a paisagem na cidade de São Paulo é o consumo dela, não a vivência dela.

## Capítulo 3

### A metrópole e Facção Central: elementos de reconhecimento e representação geográfica

*Hey, hey, hey Nego  
Você está na sintonia da sua Rádio Êxodos  
Eu, DJ Nel comandando o melhor da Black Music  
São 23 minutos de um novo dia  
O Japonês do Jardim Rosana manda um salve para o Zezé  
Pro Chiquinho, pro Kau, pro Ribeiro, pro Tico, Zulu, e o Serginho  
O Valtinho da Sabin manda um salve aí pro Vandão da Vila do Sapo  
E a Kiara do Embu manda um abraço para a Viviane do Sadi  
É, o Papau do Parque manda um salve pros manos da 50 né  
E o Adriano do Tamoio  
Manda um salve ai para o Sujeito Suspeito do Paranapanema  
E pra você que está pensando em fazer um pião  
Pegue seu bombojaco e sua toca  
Porque faz 10°C em São Paulo*

*A lua cheia clareia as ruas do Capão  
Acima de nós só DEUS humilde, né, não? Né, não?  
Saúde (plin) mulher e muito som  
Vinho branco para todos, um advogado bom  
Esse frio 'tá de fuder  
Terça feira é ruim de rolê, vou fazer o que?  
Nunca mudou nem nunca mudará  
O cheiro de fogueira vai perfumando o ar  
Mesmo céu, mesmo CEP no lado sul do mapa*

A descrição da paisagem a partir da representação geográfica e os elementos que permitem o reconhecimento formam um primeiro passo para o ouvinte ou leitor identificar o espaço geográfico sobre o qual se encontra a paisagem. No rap paulistano, é característico a identificação da paisagem da zona sul de São Paulo, por ser o berço de muitos artistas do movimento, como o grupo Facção Central, os Racionais MC's e Sabotage, a descrição das paisagens e os elementos que a compõe, são uma representação do que ocorre no espaço. Analisar as diferentes composições dos artistas, ajuda a compreender a semelhança em muitos aspectos da favela, ora analisando GOG temos a dimensão das favelas de Brasília, suas relações e as representação da paisagem, mas também analisando grupos de outras partes do país, como no caso de São Paulo, encontramos as semelhanças de arquitetura, moradores e situações

cotidianas. O rap torna a pessoa cronista da sua vivência, assim como de seu bairro e percorrendo sobre outras águas, como a literatura.

Na literatura, há outra possibilidade de descrição da paisagem segundo autores de sua época. O geógrafo Monteiro (2002), se debruça sobre a literatura brasileira para analisar a representação da paisagem e afirma que “a concretude territorial de que se reveste a ‘paisagem’ amplia-se e torna-se bastante complexa quando se lhe associa a ‘condição humana’” e toma como exemplo as obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, entre outras. Para ele

Cada tradição cultural fornece uma visão particular de mundo que o reveste de uma estrutura espaço-temporal. Começando pela casa – fornecedora da noção corpórea de abrigo e segurança -, os lugares se ampliam à cidade, ao campo, à região, ao país, ou seja, em diferentes unidades escalares que podem ser definidas geograficamente. A este espaço exterior, contrapõe-se aquele outro, de dentro do indivíduo, para a passagem dos quais se realiza aquela ‘viagem’ (ler já é viajar) ao mesmo tempo trajetória física e moral, externa e interior, real e simbólica, que pode conduzir tanto à noção do cheio quanto a do vazio. À noção de realidade geográfica, juntar-se-ia aquela outra, antropológica do imaginário.” (MONTEIRO, 2002, p. 14)

Monteiro (2002) analisa algumas obras da literatura brasileira, dentre elas, é analisado a obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Ao analisar a obra, a descrição da paisagem não aparece como uma preocupação de Azevedo, porém para Monteiro (2002), “há, contudo, uma riqueza na exibição do dinamismo do bairro nascente”.

Entretanto, a rua lá fora povoava-se de um modo admirável. Construía-se mal, porém muito; surgiam chalés e casinhas da noite para o dia; subiam os alugueis; as propriedades dobravam de valor. Montara-se uma fábrica de massas italianas e outra de velas, e os trabalhadores passavam de manhã e às Ave-Marias, e a maior parte deles ia comer à casa de pasto que João Romão arranjava aos fundos da sua varanda. Abriam-se novas tavernas; nenhuma, porém, conseguia ser tão afreguesada como a dele. Nunca o seu negócio fora tão bem, nunca o finório vendera tanto; vendia mais agora, muito mais, que nos anos anteriores (p.20).

O trecho destacado fala sobre o cotidiano das pessoas nos cortiços no Rio de Janeiro. A característica marcante na descrição da vida cotidiana e as vivências dentro dos cortiços, está presente na influência do movimento naturalista<sup>23</sup>, no qual o autor faz

---

<sup>23</sup> O romance naturalista procurava demonstrar a validade de uma teoria científica acerca do comportamento humano, como se a ficção e suas personagens fossem um laboratório de experiências

parte. A obra tem por objetivo central, a denúncia da exploração acerca das condições de vida dos moradores dos cortiços cariocas no final do século XIX. Isso, rodeado de habitantes em rica caracterização, com uma trama que envolve o “coletivo” (Monteiro, 2002). Assim como a obra, o movimento rap em São Paulo, busca denunciar a violência, miséria, crime e outros acontecimentos que só quem vive, nos cortiços e favelas, sabe o que acontece.

A literatura, marcada por seu momento histórico, apresenta características voltadas para pensar a escrita, de forma geral, distante da escrita acadêmica ou científica. Por outro lado, pode ser usado como referencial teórico para analisar uma sociedade e suas paisagens, como *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, *Vida Secas*, de Graciliano Ramos, *Memórias Póstumas de Brás Cuba*, de Machado de Assis, dentre outras.

As descrições das paisagens no rap, seguem distantes das associações ao relevo, a vegetação, entre outras, porém relacionadas a Geografia Cultural. O foco da descrição da paisagem cultural é as interações sociais, do qual o sujeito está inserido, levando em conta todo o contexto ao seu redor. Os exemplos dentro das composições que reforçam a ideia, estão no fato das descrições cotidianas na Zona Sul de São Paulo, como já comentado, o berço de muitos grupos do rap em São Paulo, principalmente o bairro Capão Redondo<sup>24</sup>.

A geografia, inicialmente, descrevia a paisagem a partir das características da superfície terrestre, pensado pelos autores que continuam a tradição principal da disciplina como Alexander von Humboldt, Oskar Peschel e Ferdinand von Richthofen. Diante disso, a geografia cultural é apenas um breve capítulo da geografia em seu sentido amplo e sempre o último capítulo. A importância da ação humana sobre a superfície, é deixada de lado pelos autores da tradição principal da disciplina, entretanto, a geografia cultural considera o ser humano com o último agente que modifica a superfície da terra, ocasionadas por meio da alteração na paisagem “original” sem a

---

científicas. Os escritores naturalistas utilizavam conhecimentos da biologia, da psicologia e da sociologia para explicar casos patológicos individuais.

<sup>24</sup> Capão Redondo é um distrito pertencente à subprefeitura do Campo Limpo, na região sudoeste do município de São Paulo, no estado de São Paulo, no Brasil. Localiza-se a cerca de 16 quilômetros do marco zero da cidade.

influência, única, do próprio sistema terrestre, através da ocupação e erosão causadas por eles (SAUER, 2013).

Sauer (2013) resgata uma frase repetida durante muito tempo pelos alemães: “a transformação da paisagem natural em paisagem cultural”, essa expressão evidencia os trabalhos relacionados às formas culturais em uma área, com a mesma ênfase que as formas físicas. Contudo, o ser humano passa a ser objeto indireto da investigação geográfica, transformando a área física com moradias, estabelecimento das redes de comércio e comunicação. Dessa forma, Sauer (2013) define que “a geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica”, considerando “a cultura com um conjunto de formas independentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas”.

O movimento rap, ajuda a compreender através de suas composições, aspectos da paisagem cultural, descrevendo as relações humanas com suas criações de habitação, comércio e comunicação. A música de abertura *Estamos Vivos*<sup>25</sup> do grupo *Facção Central*, descreve alguns elementos presentes na paisagem da Zona Sul:

Jardim São Luiz, Lidia, Capão Redondo, Jardim Angela  
O Bicho pegava, o coro comia, mano  
E todo mundo tava à mercê daquilo né, mano  
Da violência, do sangue e tal  
E a arte veio pra combater tudo isso, entendeu?  
O Hip Hop, ali você combatia toda  
Impunidade que tinha dentro da favela!  
E é isso que esse som traz entendeu?  
Protesto dos anos 90  
Nós estamos dizendo, estamos vivos!  
Realidade Cruel e Facção Central  
Inimigos número um do estado

Os versos marcantes com as vivências cotidianas dos indivíduos que residiam, e residem, dialoga diretamente com as transformações das paisagens em paisagens culturais, discutidas por Sauer (2013). No verso, é possível discutir a paisagem cultural sobre dois aspectos, o primeiro relacionado à materialidade da situação em relação à violência física e mental, o segundo está na possibilidade de enxergar uma possibilidade

---

<sup>25</sup> Facção Central. *Estamos Vivos*. In: *Inimigo Nº1 do Estado*. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WS7zrY77p2g&list=RDWS7zrY77p2g&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=WS7zrY77p2g&list=RDWS7zrY77p2g&start_radio=1)>. Acesso em: 21 ago. 2025.

de transformação, ligada a presença do hip hop como forma de combater a impunidade. Os dois pontos que podem ser discutidos, são uma materialidade a respeito da radicalidade a qual os sujeitos são inseridos.

As alterações feitas na paisagem pelo ser humano, tem grandes impactos nas percepções e em suas transformações. A modificação da paisagem, através dos agentes morfológicos, é descrita ao longo de centenas de anos. As alterações humanas, entretanto, sinalizam uma mudança na forma de pensar as alterações geomorfológicas (Sauer, 2013). A paisagem cultural, resultante das intervenções humanas, podem ser benéficas ou não. Esse resultado, quando não benéfico, ocasiona conflitos entre seus iguais por território e melhores condições de vida. O rapper Sabotage, evidencia um pouco desses conflitos na música Na Zona Sul<sup>26</sup>:

É mano, Conde Canão  
Não a selva de pedra, meu Compadi Saboti  
Na zona sul cotidiano difícil  
Mantenha o proceder, quem não conter tá fudido  
É zona sul maluco, cotidiano difícil  
Mantenha o proceder, quem não conter tá fudido  
Eu insisto, persisto, não mando recado  
Eu tenho algo a dizer, não vou ficar calado  
Fatos tumultuados, nunca me convenceu  
Mais vale a vida, bem-vindo às vilas do meu bairro, Deus  
Corre escape tem quinze no pente chantagem  
Gambezinho faz acerto depois mata na crocodilagem  
Absurdo, não me iludo no subúrbio  
Dinheiro sujo, constantemente nos trai no futuro  
Falsos amigos e aliados pensando em ganhar  
Não adianta passa pano, o pano rasga  
Mundo cão, decepção constrói, transforma  
A pivetada da quebrada num transporte pra droga  
Zona sul, conheço um povo todo inibido  
Tanta promessa, enrolação acaba nisso  
De Vila Olímpia à Rocinha, Conde Fundão  
Olha lá, se liga aí, lá está é o Canão  
Piolho na conexão, B.Q. Nega Gil  
Parque independência representa pin Gil  
Nem um pio, só no sapatinho, isso eu dou valor  
Sem dar guela que catô, mano, pelo amor

---

<sup>26</sup> Sabotage. Na Zona sul. In: *Rap é Compromisso*. 2000. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=RuJyGK\\_\\_XgE&list=RDRuJyGK\\_\\_XgE&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=RuJyGK__XgE&list=RDRuJyGK__XgE&start_radio=1)>. Acesso em: 21 ago. 2025.

A representação da transição entre a paisagem e paisagem cultural pode ser entendida a partir da frase “Não a selva de pedra, meu Cumpadi Saboti”. A paisagem, como conceito geográfico, está associada a natureza e seus agentes de transformação, enquanto a paisagem cultural é relacionada as transformações humanas. A frase aborda a relação entre a selva, um bioma florestal caracterizado por vegetação densa e grande biodiversidade, e a metáfora “selva de pedra”, é usada para resumir a vida na cidade grande, um ambiente hostil e competitivo. A imagem criada através da frase, é uma relação entre as construções urbanas, os prédios, edifícios, condomínios, que ocupam o lugar da vegetação, abrindo margem para compreender a intervenção humana na paisagem, antes natural, agora transformada a partir da cultura daquela sociedade que ali habita. Além disso, viver na “selva de pedra” não é uma tarefa fácil, como próprio afirma o rapper no trecho adiante: “Na Zona Sul cotidiano difícil”, ou seja, o ambiente da “selva de pedra” exige uma que seja mantido um “proceder”, caso contrário entraria em problemas. Assim como viver na selva, enfrentando muitos perigos em relação aos animais que poderiam fazer algum mal, além do preparo necessário para conhecer determinadas plantas e frutos para o alimento e evitar possíveis envenenamento, aprender a percorrer o local e se localizar, a “selva de pedra” também necessita de cuidados necessários, tomar cuidado com os dizeres e sua “postura” perante a comunidade, com o intuito de evitar conflitos e/ou sua própria morte.

No movimento rap, as vivências e a descrição dos acontecimentos do que acontece na “selva de pedra”, são uma abordagem comum entre os integrantes do movimento. A composição do grupo facção central, Menino do morro<sup>27</sup>, descreve a realidade vivida na “selva de pedra”, partindo da Zona Sul de São Paulo para o mundo:

Zona Sul, São Paulo, hospital em Santo Amaro  
No prontuário um menino descrito como mulato  
Parto normal, sem pai pra visitar  
Outro cu que pra pagar pensão só com DNA  
Filho da empregada do executivo porco  
Fritando filé mignon pros outros e arrotando ovo  
Filho do bebum em ziguezague no bar  
Serrando pinga e ficha de bilhar  
Sem anticoncepcional, plano e escolaridade  
Eu fui o oitavo a fugir do controle de natalidade

---

<sup>27</sup> Facção Central. Menino do Morro. In: *Direto do Campo de Extermínio*. 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs\\_LmYams](https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs_LmYams)>. Acesso em: 16 set. 2025.

Sem olho azul, distante do padrão da Globo  
Não nasci pra ser o ator viado das oito  
De agasalho Adidas soltando as faixas  
A pé no barro uma hora da classe pra casa  
Tudo indicava: Catador de ferro  
Ouvindo do porteiro: Não rasga o lixo do prédio  
Até que numa tarde lá no Barateiro  
Foi pro short meu herói de brinquedo  
Voltei pro morro assustado, mas de nariz empinado  
Orgulhoso com os moleque me abraçando admirado  
Fui rei por um momento, sem choro, sem lenço  
Sem ouvir: não tenho dinheiro pra essa buceta de brinquedo  
Com nove, vi: Quem implora é quem não honra o próprio saco  
Que vitória é resgate pago e sequestrado embalsamado

A paisagem cultural que cerca o menino está atrelado de tragédias sociais que vão sendo destacadas ao longo do trecho. Essa paisagem, é construída e alterada conforme o crescimento do menino, que inicialmente vai sendo direcionada a vida do crime. Além disso, sua paisagem é limitada em detrimento das suas condições sociais, já estabelecidas antes mesmo de seu nascimento, pois “Sem anticoncepcional, plano e escolaridade”, está longe dos padrões exigidos socialmente e revoltado com suas condições de vida, arisca seu primeiro delito, que seria o ponto inicial para a transformação da sua imagem perante seus semelhantes. Entretanto, não para por aí, conforme continua a música:

Na World Tennis, o mais caro da vitrine  
Constou a fita no doleiro: Êxito no crime  
Aqualand e compra no porta mala  
A Brasília enferrujada ficou rebaixada  
Só que de aventura só vive Indiana Jones  
Mansão, assalto a banco, sempre vai um na mão dos homens  
Nasci pra ser estrela, não pra ser medalha  
No arrombado que pro tráfico dá o cu e a farda  
Na bunda do Chevette um arsenal de polícia  
Seis mil na Mini-UZI, dinheiro à vista  
Com 15 precisei de decisão na vida  
Comprei um quilo de farinha e tomei a biqueira de cima  
Um alemão de 12 e três moleques de oitão  
Filmando o movimento da rua no portão  
Pus o capuz, tipo Hollywood e fui na sede  
Só faltou o Oscar pra minha Sexta-Feira 13  
Meus truta tesouraram a fuga do tal alemão  
Morreu que nem puta, gritando mãe no chão  
Chacina consumada, sem baixa, sem revide  
A custódia da boca é nossa, tem esfiha no Habib's  
Com truta comecei a comandar de celular  
Fui pra piso de granito, móveis do Interlar

Tudo certo, menos a contabilidade do sócio  
Subiu na 51 com Racumin no copo<sup>28</sup>

O menino começa a crescer e perceber que a vida tem novas paisagens culturais. Ele descreve a passagem de cada uma delas, antes havia miséria e morte o cercando, entretanto, depois de muito percorrer o caminho do crime, passa a vivenciar novas paisagens sobre seu horizonte. A paisagens cultural, na música, está associada a mudança de ambiente que permite o menino sair da paisagem criada pela miséria e toma para si novos rumos, como bem destaca o refrão da música:

O menino do morro virou Deus  
O poderoso chefão, a majestade  
O teste da guerra ele venceu  
Subiu uma escada de sangue pra primeira classe

O grupo aborda a zona Sul de São Paulo em diversas músicas. Em outra música, o grupo aborda outra paisagem cultural, relatando o cenário mórbido, piores aos encontrados em filmes de terror, conforme é demonstrado na letra:

Fredy Krueger teria medo do cenário  
Zona Sul, Grajaú madrugada São Paulo  
A Roleta Macabra sorteou nosso número  
Giro flex projeta o slide de dois túmulos  
Tribunal cinza com um juiz três de júri  
E nosso crime, rap no último volume  
O que vai proferir a pena bombou no psicotécnico  
É PM porque uma liminar garantiu o ingresso  
Não vamo ser na ouvidoria uma das três mil denúncias  
Quem vai entrar no programa de proteção à testemunha?  
Cadê a lesma da hora da ocorrência?  
Em 10 segundos tô no chão com algemas  
Madame o monstro que tira a sua aliança na faca  
Tem a ficha menos quilométrica que o cuzão de farda  
Na CPI da assembléia legislativa  
Em 90% do crime organizado tem polícia  
Com salário de delegado um Lamborghini Diablo  
Na gaveta documento pra esquentar carro roubado  
A PM pune o militar que não engraxou a bota  
Mas não o que estoura de 762 sua veia aorta<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Facção Central. Menino do Morro. In: *Direto do Campo de Extermínio*. 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs\\_LmYams](https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs_LmYams)>. Acesso em: 16 set. 2025.

<sup>29</sup> Facção Central. Roleta Macabra. In: *Espetáculo do Circo dos Horrores*. 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HPtq2LE246o>>. Acesso em: 16 set. 2025.

O cenário de horror descrito nos versos, faria a personagem clássica dos filmes de terror, Freddy Kruger, ter medo da violência aplicada nas periferias, conforme destacado na música, a violência é abordada em múltiplas cenas, envolvendo não apenas um direcionamento possível, mas dialogando com o crime policial, a violência de classe e a política, que para a personagem seria incapaz de criar tamanha senha de terror. A menção feita sobre a personagem é um aviso aos ouvintes do que os espera conforme o andamento da música. O cenário que faria um dos símbolos dos filmes de terror ter medo exprime uma paisagem cultural cerceada pelas mais desastrosas atrocidades vividas por indivíduos naquela região, que até mesmo os roteiristas do filme relacionado a personagem não conseguiriam traduzir em cenas dos filmes produzidos. A descrição da paisagem cultural sobre a zona Sul coloca em evidências as mazelas sociais vividas cotidianamente pela população, desde a hora do nascimento até a morte, com os problemas de corrupção, drogas e desigualdades sociais.

A zona Sul de São Paulo esteve presente em quase todas as composições de rap na cidade de São Paulo, não sendo exclusividade de grupos isolados, mas um sentimento de revolta e principalmente denunciar as mazelas sociais cotidianas. A paisagem cultural que cerca a maioria das pessoas residentes na zona sul é de puro pânico, que mereceu até uma composição feita pelo grupo Racionais MC's:

"Aqui é Racionais MC's, Ice Blue, Mano Brown, KLJay e eu EdyRock."

- E ai Mano Brown, certo?

- Certo não está né mano, e os inocentes quem os trará de volta?

- É... a nossa vida continua, e ai quem se importa?

- A sociedade sempre fecha as portas mesmo...

- E ai Ice Blue...

- PÂNICO...

Então quando o dia escurece

Só quem é de lá sabe o que acontece

Ao que me parece prevalece a ignorância

E nós estamos sós

Ninguém quer ouvir a nossa voz

Cheia de razões calibres em punho

Difícilmente um testemunho vai aparecer

E pode crer a verdade se omite

Pois quem garante o meu dia seguinte

Justiceiros são chamados por eles mesmos

Matam humilham e dão tiros a esmo

E a polícia não demonstra sequer vontade

De resolver ou apurar a verdade

Pois simplesmente é conveniente

E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes

E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum  
Continua-se o pânico na Zona Sul.<sup>30</sup>

Intitulada como “Pânico na Zona Sul”, a composição aborda o drama cotidiano na região. A concepção de pânico, é associado ao sentimento repentino e esmagador, gerados como uma resposta do cérebro em uma situação de perigo ou alerta máximo. Isso, leva a entender que os moradores vivem uma situação extremamente ansiosa e cheia de medo e que sua paisagem é nada mais que a representação do terror, pois quando escurece, o medo toma conta, a violência toma o horizonte, e aqui ela pode ser tanto física quanto psicológica, como bem aborda a música, que a polícia, resguardada a proteger, é conivente com o que acontece. O cenário que vais endo criado, mune os artistas de recursos poéticos para descrever as situações decorrentes ao pânico enfrentado pela população na zona Sul de São Paulo.

O coração pulsante do movimento, conforme é notório o destaque, é a zona Sul de São Paulo, região repleta de conflitos internos causados por quem está de fora e potencializado por quem está dentro dela. A paisagem que é formada através das tensões e conflitos, resulta em cenários de horror e pânico para a população, afetando diretamente a qualidade de vida. Com isso, o movimento rap busca a denúncia, mas também a possibilidade de melhora e mudança de paisagem cultural, significando melhor qualidade de vida sua e de seus filhos.

O que encerra esse capítulo é perceber as mazelas sociais descritas pelos grupos de rap que vivenciaram e vivenciam a cada instante a dor e sofrimento que os maiores filmes de terror não são capazes de exprimir tamanha terror psicológico e físico. A limitação da paisagem cultural, se traduz na redução das possibilidades de escolhas em meio tantas. A lição deixada é a de que a violência cotidiana na paisagem induz, propositalmente, a busca desesperada pela mudança da sua paisagem, esse desespero acaba levando ao crime e assim como nos filmes de terror, não tem um final feliz.

---

<sup>30</sup> Racionais MC's. Pânico na Zona Sul. In: *Consciência Black, Volume 1*. 1989. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DheKLQ0RzOw>>. Acesso em: 16 set. 2025.

## Capítulo 4

### Castelo triste: uma homenagem para quem vai e quem fica

*Sou príncipe do gueto, só quem é desce e sobe a ladeira  
Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira  
Sou príncipe do gueto, só quem é desce e sobe a ladeira  
Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira*

*Milhões de brasileiros não tem teto, não tem chão  
Eu sou apenas mais um na multidão  
Não vá pra grupo com minha calça, minha peita, minha lupa  
Se canto rap aí, não se iluda  
Alá! Tô vendo a cena vai chover e o rio vai transbordar  
E meu castelo de madeira vai alagar  
Isento de imposto eu mesmo abraço com meus prejuízos  
Natural sofrer se os cordões são indecisos  
Mil avisos, periferia desestruturada  
Mil moleque louco, no crime mostra a cara  
Centenas de vezes, vi a cena se multiplicar  
Quando cheguei até aqui, não tinha ninguém, agora tem uma pá  
Moleque doido, eu enfrentei o mundão de frente  
Ausente em várias fita, bandido, filho de crente  
No pente, desilusão, dinheiro, mulher  
Mais pra frente, se Deus quiser, mais resistente à fé  
Rumo ao centro, calos nas mãos, multidões  
Toda essa rebeldia reforça os refrões  
Talvez você não saiba do herói que vive a guerra  
Com uma marmitta fria sem mistura, eu sou favela  
Vivi pensando a vida inteira em fazer um regaço  
Mas agora que conquistei meu sonho, aquele abraço  
Mas não importa se o chão de terra tem poeira  
Realizei meu sonho, meu castelo de madeira<sup>31</sup>*

A abertura deste capítulo com o trecho da música “Castelo de Madeira” do grupo A Família, fala das batalhas enfrentadas pelas pessoas nas comunidades brasileiras. Ela apresenta a percepção sobre a paisagem cultural que está sendo descrita pela vivência dos sujeitos, sendo a paisagem de intensa batalha entre a rebeldia e a fome, parando no crime, mas em meio a tudo isso, seu único sonho é possuir seu “castelo de madeira” que o torna príncipe do gueto, uma referência ao período da Idade Moderna e seus castelos, uma fortaleza protetora e pomposa.

---

<sup>31</sup> A Família. Castelo de madeira. In: Cantando com a Alma. 2004. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start_radio=1)>. Acesso em: 26 fev. 2026.

A moradia, para a maioria das pessoas, é uma preocupação significativa do seu tempo e dinheiro. “Milhões de brasileiros não tem teto, não tem chão / Eu sou apenas mais na multidão”<sup>32</sup>, essa preocupação está atrelada muito mais, com tem que recorrer a ocupação de terras para conseguir a moradia, embora não seja garantido que a ocupação venha se tornar legalizada. O número do surgimento de novas favelas, é atrelado ao aumento da pobreza, mas também a especulação imobiliária da cidade de São Paulo que eleva o preço do metro quadrado na cidade. A ocupação, é feita de forma irregular, com moradias construídas áreas de encostas, sendo feita a remoção da vegetação, está suscetível aumento do escoamento superficial, ocasionando em deslizamentos e desmoronamentos. Além disso, as construções também podem ser feitas nos leitos de rios, “Alá! Tô vendo a cena vai chover e o rio vai transbordar / E meu castelo de madeira vai alagar / Isento de imposto eu mesmo abraço com meus prejuízos”<sup>33</sup>, conforme destacado no trecho, a ausência do Estado é em detrimento das moradias feitas de forma irregular, evidenciando o problema estrutural da moradia e segurança, afinal “Mil avisos, periferia desestruturada / Mil moleque louco, no crime mostra a cara”<sup>34</sup>.

A transformação da paisagem em paisagem cultural, segundo Sauer (2000), é realizada através das ações humanas, de forma a modificar o meio. As transformações da paisagem natural para paisagem cultural, é descrita nas construções que “Centenas de vezes, vi a cena se multiplicar / Quando cheguei até aqui, não tinha ninguém, agora tem uma pá”<sup>35</sup>. Essas construções, são a expressão marcante da presença humana na ocupação do meio, conforme destacado na Imagem 1. A cena das transformações da paisagem, em decorrência das ocupações irregulares, é um contraponto marcante aos dados sobre moradia na cidade de São Paulo, que segundo os dados do Censo de 2022 mostram que tem 589 mil, casas e apartamentos, sem moradores fixos, em contrapartida, a cidade tem 400 mil famílias sem moradia digna. Embora, alguns movimentos sociais façam ocupações em prédios “abandonados”, para uma moradia, o

---

<sup>32</sup> A Família. Castelo de madeira. In: Cantando com a Alma. 2004. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start_radio=1)>. Acesso em: 26 fev. 2026.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Idem.

crescimento das ocupações de terrenos nas periferias da cidade é também uma realidade, além disso, há problemas que estão atreladas as moradias irregulares,

Moleque doido, eu enfrentei o mundão de frente  
Ausente em várias fita, bandido, filho de crente  
No pente, desilusão, dinheiro, mulher  
Mais pra frente, se Deus quiser, mais resistente à fé  
Rumo ao centro, calos nas mãos, multidões  
Toda essa rebeldia reforça os refrões  
Talvez você não saiba do herói que vive a guerra  
Com uma marmita fria sem mistura, eu sou favela  
Vivi pensando a vida inteira em fazer um regaço  
Mas agora que conquistei meu sonho, aquele abraço  
Mas não importa se o chão de terra tem poeira  
Realizei meu sonho, meu castelo de madeira<sup>36</sup>

A espacialização do bairro e centro, estão dimensionados no trecho, ao relatar o destino ao centro e suas condições, corrobora para suas frustrações com a sua dignidade frente as pressões sociais. Entretanto, a grande realização está no ato de conseguir a moradia, encarada como sua fortaleza capaz de conter seus sonhos e frustrações, seu castelo de madeira.

---

<sup>36</sup> A Família. Castelo de madeira. In: Cantando com a Alma. 2004. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDxbwFbw9jbWY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDxbwFbw9jbWY&start_radio=1)>. Acesso em: 26 fev. 2026.

Imagem 1: representação do "castelo de madeira"



Fonte: A favela Jardim Julieta, na Zona Norte de São Paulo, com cerca de 700 famílias. — Foto: Fernando Marron/AFP

A associação entre a imagem representada pelo castelo como uma fortaleza robusta, criado através da literatura, é ressignificada na música, conforme trecho destacado,

Hoje já choveu já ventou tô de cara  
Em saber que meu castelo suporta tudo menos fogo e bala  
Suporta dor, minha crença, minhas loucuras  
Suporta até minhas cabreiragem com a viela escura  
E o sobe e desce de uns nóia na fissura  
Chave de cadeia, se trombar com a viatura  
Vida dura, brotou o espinho, não a rosa<sup>37</sup>

Na literatura, a representação do castelo varia em suas representações, porém a mais comum entre elas, está a na criação do imaginário de fortaleza repleta de

---

<sup>37</sup> A Família. Castelo de madeira. In: Cantando com a Alma. 2004. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start_radio=1)>. Acesso em: 26 fev. 2026.

mecanismos de defesa e até mesmo capaz de nutrir os residentes. Entretanto, na música o castelo suporta a chuva e o vento, ações das quais se assemelham entre a representação literária e da música, o que surpreende, em certa medida, a força que seu castelo pode aguentar, mas quando é colocado de frente com fogo e bala, seu castelo é afetado. Isso, reflete as comparações entre épocas semelhantes das quais ambas as representações de castelo se deparam, o enfretamento de guerras/conflitos provocadas pelas mais diversas razões. Seu castelo representa uma fortaleza interna, que mais suporta seus conflitos internos, até mesmo a chuva e vento, mas não ao fogo e bala.

O abandono social é traduzido na música como elemento constante na paisagem cultural, sendo recorrente de um lado dela e dentro dela. As favelas, com suas construções, inicialmente ignoradas pelos governos, começam a ganhar conjuntura ao passo de não serem mais ignoradas. E na favela, os conflitos internos e externos dos moradores, estão presentes em suas vivências coletivas e individuais, conforme destacado ao longo dos trechos já mencionados até aqui. Os conflitos formam a paisagem cultural, descritas como consequência do abandono social do Estado e parte da sociedade que evita o problema, decorrendo em problemas psicológicos e transtornos permanentes,

Do lado de cá, do lado de lá  
Treta todo dia sem parar  
Do lado de lá, do lado de cá  
É sempre a mesma coisa mano, o que quê eu vou falar  
Você sabe o que o sistema faz, ignora  
E trás problema psicológico, tensão é foda  
Descaso, humilhação transtorno permanente<sup>38</sup>

O horizonte é cerceado pelas construções irregulares, abrindo espaço para o desconforto que qualquer indivíduo, possa vir a vivenciar. A limitação do horizonte, é colocada na música em forma de decepção, frente a sua paisagem cultural,

Coisa de louco, abrir a janela e ver no esgoto  
Cachorro morto, sentir o mal cheiro e o desconforto  
E junto com a lama, o drama, a sujeira

---

<sup>38</sup> A Família. Castelo de madeira. In: Cantando com a Alma. 2004. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start_radio=1)>. Acesso em: 26 fev. 2026.

Brasilit no calor é um inferno, mô canseira  
Sonhar, sonhar, querer não é poder  
Tem que ser mano, fazer jus ao proceder<sup>39</sup>

A música abordada, relata o cotidiano violento e limitado de condições físicas e mentais, onde os indivíduos são empurrados para a margem da sociedade, esquecidos por muitos, invisíveis por outros e/ou rejeitados. O sonho da vida melhor, vendida nos comerciais de margarinas, não condizem com a realidade material, mas sim com a ficção que um dia as pessoas querem poder viver, pois

Sonhei com tudo isso a vida inteira  
Realizei meu sonho, meu castelo de madeira  
E é treta todo dia, todo dia, o dia inteiro  
Só falta construir um banheiro  
Sou príncipe do gueto, só quem é desce e sobe a ladeira  
Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira  
Sou príncipe do gueto, só quem é desce e sobe a ladeira  
Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira  
Sou príncipe do gueto, só quem é desce e sobe a ladeira  
Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira  
Sou príncipe do gueto, só quem é desce e sobe a ladeira  
Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira<sup>40</sup>

O imaginário de castelo no rap perpassa a sensibilidade da moradia como uma fortaleza capaz de aguentar seus maiores pesadelos ou ser o próprio pesadelo. Em “Castelo de Madeira”, o grupo busca representar o cotidiano através do imaginário do castelo como sua fortaleza, sua conquista maior, que quando conquistado passa ser o sonho que vira realidade. Por outro lado, outro grupo de rap, escreve sobre o castelo ser o maior pesadelo da vida de alguém, seno ela a música “Castelo Triste” do grupo Facção Central.

A música “Castelo triste” é uma homenagem feito ao irmão, já falecido, do rapper Eduardo Taddeo, em forma de diálogo entre ele e seu irmão, construídas a partir de sua memória com o irmão acometido pela distrofia muscular. O rapper, dialoga com várias paisagens culturais e espaços frequentados ao longo da trajetória do irmão que aos poucos vais perdendo os movimentos. Além disso, cada um desses espaços vai sendo

---

<sup>39</sup> A Família. Castelo de madeira. In: Cantando com a Alma. 2004. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start_radio=1)>. Acesso em: 26 fev. 2026.

<sup>40</sup> Idem.

incorporados como peça fundamental até os últimos momentos da vida do irmão, mobilizando os aspectos relativos, da paisagem, à materialidade e à imaterialidade (VALVERDE, 2024).

Essa homenagem, tem um papel fundamental da vida do rapper, por denunciar e relatar as dificuldades relacionadas as pessoas portadoras de deficiência, principalmente de alguém que viveu isso até os últimos dias do irmão. Como bem lembra Maurice Halbwachs (1990, p.99-100) a memória coletiva é uma dimensão que vai além do plano individual, pois as memórias de um indivíduo nunca são só suas, mas parte da memória de uma sociedade, do grupo social no qual a pessoa está vinculada.

O rapper explora uma dimensão repleta de histórias, ilustrações e mistério. Propositamente é escolhido como título “Castelo triste”, uma referência as fortalezas e as imensas construções, moradias exuberantes de reis, rainhas, príncipes e princesas, e que além disso, é campo fértil na literatura abordando temas de mistérios, assombração, suspenses e dramas, assim como uma vasta gama de diversidade encontradas nos cinemas, sendo ilustrada na Imagem 2.

Imagem 2 - Castelo Triste



Fonte: Adelina Lima, 2022.

Ao iniciar a música, com "ar melancólico e deprimente, fulcral para o receptor sentir com maior vigor a raiva e tristeza presentes nas memórias do personagem principal sobre a história de seu irmão que foi desrespeitado na vida por ser favelado e portador de necessidades especiais" (Gomes, p. 54),

Aí Edu, eu preferia nem ter acordado  
Sonhei que eu era um jogador fazendo gol no estádio  
Corria feito velocista atrás da bola  
Sem precisar ser empurrado numa cadeira de roda  
Nasci morto como num romance de Agatha Christie  
Enclausurado no calabouço do castelo triste<sup>41</sup>

A literatura tem a concepção de castelo voltada ao mistério e terror, associado ao mórbido, mas também, através dos mitos populares perpetuando a imagem de terror e mistério. Agatha Christie, mencionada na letra, e como ficou conhecida, atuou como romancista, contista, dramaturga e poetisa, foi uma importante escritora britânica em seu

---

<sup>41</sup> Facção Central. Castelo triste. In: *O espetáculo do circo dos horrores*. 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TZX3PwQWej4>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

gênero literário. Ela mesmo já escreveu obras envolvendo mistérios relacionados aos castelos, além de outros cenários. Explorar os vários sentidos da palavra, como é o caso de castelo, não é restrito às correntes literárias, mas também nas músicas e outras formas de arte. Os jogos, usam bastante do mistério e terror em torno de castelos para suas histórias, como o jogo chamado Castlevania que, além do jogo, ganhou uma série em animação.

As histórias têm papel fundamental na mente coletiva, principalmente no final da Idade Média e começo da moderna. A criação do imaginário social de cada época, é um fator interessante para se pensar esse imaginário a respeito dos castelos. A escritora Mary Shelley, escreveu a história do Dr. Frankenstein e sua criatura, ambientada no conhecido Castelo de Frankenstein, Imagem 3, na Alemanha. Assegura-nos Walter Benjamin que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem os narradores” (BENJAMIN, 1987), que nesse sentido surge a história passada ao longo dos anos sobre a magnífica fortaleza medieval, a casa de Vlad Tepes Draculea, Imagem 4. A criação do mistério e horror em volta dos castelos, é uma característica marcante da Idade Média e moderna, enquanto hoje é notório o seguimento para uma fortaleza que esbanja admiração, poder e batalhas épicas, como devidamente construídas em Game of Thrones. Na América Latina, entretanto, os castelos possuem um significado importado da cultura colonizadora.

Imagem 3: Castelo de Frankenstein



Fonte: Adelina Lima, 2022.

Imagem 4: Castelo de Drácula



Fonte: Adelina Lima, 2022.

A relação que é estabelecida no início da música, é a forma como seu irmão se referia a ele em vida. A dor encontrada na letra, mostra a genialidade do autor em traduzir um sentimento, ressaltando o desejo do irmão, que preferia estar preso em um sonho eterno, ao acordar para lidar com sua dor cotidiana.

No trecho, é impactante o destaque no desejo do irmão em andar, sonhando em poder jogar bola. Sua cadeira de rodas, limita sua paisagem cultural no qual faz referência a estar preso no calabouço de algum castelo triste, colocando em perspectiva as dificuldades acompanhadas cotidianamente pelas pessoas com deficiência. O sentir-se preso no castelo, traz consigo a limitação da sociedade que “oferece” fundos e mundos de uma vida formidável, porém é limitado a se encontrar preso no calabouço do castelo triste.

Na música, o Facção Central faz referências a pessoas como Beethoven, Stevie Wonder e Stephen Hawking, enaltecendo as pessoas com deficiências e criticando o preconceito social contra elas. No trecho “Aí cuzão preconceituoso, Bethoveen era surdo / Steve Wonder é cego e encanta o público / Depois de Einstein, o físico mais brilhante do planeta / Stephen Hawking, o matemático preso numa cadeira”<sup>42</sup>, a música mostra que limitações físicas, são apenas construção social e não impedem conquistas extraordinárias, além das superações. Essa crítica reforça à forma como a sociedade valoriza apenas o corpo perfeito e ignora quem foge desse padrão, dando espaço para a singularidade em vez das pluralidades.

A descrição das localidades e a emoção transmitida na música, retrata a genialidade do grupo. O desejo é expresso como materialidade do desejo do sujeito, quando destacado seu sentimento em ir ao estádio de futebol e apreciar uma partida e quem sabe ser até jogador. A construção da paisagem cultural, pode ser física, mas também social, conforme o ódio aparece como o auge da sua vida, diante das dificuldades até aqui mostradas. Entender e viver com tamanhos sentimentos, é um desafio imenso a qualquer indivíduo, o que nos faz pensar sobre muitas das nossas atitudes e pensamentos, quando levamos em consideração casos como os mostrados

---

<sup>42</sup> Facção Central. Castelo triste. In: *O espetáculo do circo dos horrores*. 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TZX3PwQWej4>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

até aqui. O espaço sendo usado como produtor de sentimentos, ressalta o conflito social que faz o irmão se ver como preso no calabouço do castelo, o trecho mostra justamente a restrição material e imaterial,

Odiava ir na USP fazer hidroterapia  
O buzão todo xingando enquanto a rampa subia  
Dia 26 de março de 95  
Queria esquarterar o roteirista do meu destino  
Porra, Deus, não tava bom eu na cama paráltico?  
Tinha que levar minha mãe num ataque cardíaco?  
Não pude ir no estádio, empinar pipa, andar de moto  
Até pra pôr uma flor no caixão me puseram no colo  
Qual que é a pegadinha, sou seu rato de laboratório?  
Tá testando quanto um coração armazena de ódio?  
Bonnie não vive sem Clyde, nem o verso sem o poeta  
Romeu não vive sem Julieta e eu não posso viver sem ela<sup>43</sup>

O encerramento da música é o desfecho da vida repleta de frustrações e mistos de sentimentos na vida de ambos, com a perda da mãe e o agravamento da vida do irmão. Por fim, o sentimento é de alívio de todo seu sofrimento e de seu irmão que o cuidava, além do refrão que seria a anunciação de sua morte, representada pela libertação do castelo triste do qual estava vivendo, refletindo sua saída do calabouço do castelo triste do qual viveu em sua vida,

Não chora, Edu, o céu existe e eu tô feliz de ir pra lá  
Se não puder pisar nas nuvens, anjos têm asas pra voar  
Triste é quem fica entre preconceito, muletas, amputações  
Só não esquece de pôr no caixão o agasalho da Gaviões  
Joga a última flor  
Não chora quando o caixão partir  
É a ponte levadiça do castelo triste  
Se abaixando pra eu fugir<sup>44</sup>

A letra é direta e dolorosa ao retratar o cotidiano das pessoas com deficiência física. Nas passagens como “É humilhante você me limpando, trocando minha roupa / Me dando banho, comida, água na boca” e “O mundo cultua a idolatria do corpo perfeito / Joga no hospital psiquiátrico humano com defeito” evidenciam sentimentos de exclusão, revolta e frustração. A música denuncia o descaso medicinal, “O estagiário que atende

---

<sup>43</sup> Facção Central. Castelo triste. In: O espetáculo do circo dos horrores. 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TZX3PwQWej4>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

<sup>44</sup> Idem.

como clínico geral / Receita pra leproso: AAS e Melhoral” e “Esperei 18 horas o rabeção”. O “castelo triste” simboliza o isolamento e sofrimento do personagem, enquanto a “ponte levadiça” representa a esperança de escapar desse ciclo, seja pela morte ou por uma libertação emocional. O pedido final para que coloquem o “agasalho da Gaviões” no caixão reforça a humanidade do personagem, mostrando que, apesar de toda a dor, ele mantém sua identidade e laços afetivos até o fim.

No final da música, há um misto de conflito ao ouvinte, pois o final é um sentimento feliz de ter saído de seu castelo triste, levando em consideração que a morte em nossa sociedade é vista como tragédia. Além disso, importante salientar a crítica e denúncia feita em relação as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiências e seus familiares, ainda mais em casos graves, podendo decorrer ao óbito em poucos anos ou os deixando em estado de vegetação. Além disso, há uma relação entre os sujeitos da música e os diferentes espaços percorrido na cidade, bem como suas relações social e espacial.

Marcado por conflitos, frustrações e tragédias, os conflitos sociais presentes nas músicas, bem como as relações dos indivíduos, são bem representados pela comparação literária do castelo, que embora todos as dificuldades, seja em habitação, financeira, deslocamento ou acometimento de fatalidades, os sujeitos não deixam de ver a grandeza presente em si e em seus semelhantes, criando um vínculo imprescindível entre o músico e ouvinte.

## Considerações finais

*Às vezes eu acho que todo preto como eu  
Só quer um terreno no mato, só seu  
Sem luxo, descalço, nadar num riacho  
Sem fome, pegando as frutas no cacho  
Aí truta, é o que eu acho, eu quero também  
Mas em São Paulo, Deus é uma nota de cem  
Vida Loka*

*Porque o guerreiro de fé nunca gela  
Não agrada o injusto e não amarela  
O Rei dos reis, foi traído, e sangrou nessa terra  
Mas morrer como um homem é o prêmio da guerra  
Mas oh, conforme for, se precisa  
Afoga no próprio sangue, assim será  
Nosso espírito é imortal, sangue do meu sangue  
Entre o corte da espada e o perfume da rosa  
Sem menção honrosa, sem massagem.<sup>45</sup>*

As formações das paisagens em paisagens culturais através da música, introduz a relação interdisciplinar da geografia e os diferentes campos de pesquisa e produção cultural. Na música, os versos que descrevem a realidade dos indivíduos e suas frustrações, desavenças e felicidades, expressam apenas uma parcela do problema. Esse cenário, conforme descrito no trabalho, é produzido cotidianamente, inclusive neste momento no qual realiza esta leitura.

Os diferentes rappers mencionados ao longo do trabalho, buscam compreender ao passo de evidenciar os problemas cotidianos da favela. O rap, é o gênero musical das favelas que mais aproxima a comunidade, em relação aos demais gêneros, que distância os de fora das favelas e aproxima quem está nela. Isso, permite a identificação direta, pois o sujeito está se encontrando nas letras, seja em partes dela, ou tomando para si a letra. Essa importância da identificação, se faz característica do movimento rap, pois é o único gênero que a favela cobra uma posição em relação ao músico, com relação suas atitudes e até mesmo a música.

Apesar disso, a compreensão da paisagem e suas mudanças ao longo de anos, nos ensina que tanto quanto a mudança, o processo é o real ponto de atenção, pois ali enquanto há as mudanças que está sendo formado o resultado, totalmente sem a menor

---

<sup>45</sup> Racionais MC's. Vida Loka II. In: Nada como um Dia Após o Outro Dia. 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hNHlc7Poldg>>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ideia do que será produzido no final. A transformação da encosta coberta por vegetações e animais, agora transformada para habitação, de forma insegura, estão relacionadas as especulações imobiliárias e o projeto intencional de segregar espaços na cidade, sendo o tema central da música Castelo de Madeira.

As mudanças causadas pela própria natureza, proporcionaram a possibilidade da multiplicação da vida, enquanto a transformação pela humanidade, em parte, gerou a perda de vidas, incluindo a própria espécie. Embora mencionado os aspectos emblemáticos das ações humanas, não pode ser o apego para cairmos em determinismos em relação a humanidade, pelo contrário, somos capazes de alterar as imposições e restrições da natureza e principalmente a nossa própria.

A ideia do trabalho, é mostrar as relações entre paisagem e paisagem cultural e suas aplicações, assim como, a superação dessa paisagem para ser possível avançar enquanto espécie a partir do pensamento geográfico.

A provocação e denuncia são partes fundamentais do movimento hip hop, o rap é um dos elementos para entender a realidade, assim como, para entender o espaço os conceitos geográficos são importantes, o hip hop tem o rap como um dos seus “conceitos” para provocar e denunciar. Isso, justifica a escolha das músicas de rap como base de análise das paisagens culturais. Afinal de contas, a música é um elemento crucial para analisar as diferentes compreensões das paisagens e como é afetada a vida cotidiana por meio dela.

## Referências

50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. G1, 13 jan. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2025.

A286. Reciclando frustrações. In: Sobre paixões e tragédia. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qqz5lkKRo2g>>. Acesso em: 09 abr. 2025.

A Família. Castelo de madeira. In: Cantando com a Alma. 2004. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=XbwFbw9jbWY&list=RDXbwFbw9jbWY&start_radio=1)>. Acesso em: 26 fev. 2026.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a de Nikolai Leskov. In: Walter Benjamin: obras escolhidas – magia e técnica, arte e política. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet, 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BRUNET, Roger, FERRAS, Robert, HERVÉ, Théry. **Les mots de la géographie**: dictionnaire critique. Montpellier: Reclus, 1992. 470p.

CARNEY, George O. Música e lugar. In: Corrêa R. L.; Rosendahl, z. (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 123-150.

Cidade de São Paulo tem quase 600 mil residências sem moradores, diz Censo 2022. Jornal Hoje, 04 de jul. de 2023. Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2023/07/04/cidade-de-sao-paulo-tem-quase-600-mil-residencias-sem-moradores-diz-censo-2022.ghtml>>. Acesso em: 20 de nov. de 2025.

CHOAY, Françoise. Destinos da cidade europeia: séculos XIX e XX. Revista de Urbanismo e Arquitetura, 6:8-12, 1996.

CLAVAL, Paul. A volta do Cultural na Geografia. **Mercator**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 19-28, jun. 2002. Semestral. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192>. Acesso em: 04 jun. 2025.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a paisagem e o passado. Espaço Aberto, Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 37-46, 2014.

ENEMY, Public. Black steel in the hour of chaos. In: Black steel in the hour of chaos. 1988. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ZM5\\_6js19eM](https://www.youtube.com/watch?v=ZM5_6js19eM)>. Acesso em: 09 abr. 2025.

Facção Central. A Capela dos 50.000 espíritos. In: *O espetáculo do circo dos horrores*. São Paulo: Sky Blue, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9w5YF9mJIQU>>. Acesso em 20 out. 2025.

Facção Central. Castelo triste. In: *O espetáculo do circo dos horrores*. 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TZX3PwQWej4>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

Facção Central. Estamos Vivos. In: *Inimigo Nº1 do Estado*. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WS7zrY77p2g&list=RDWS7zrY77p2g&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=WS7zrY77p2g&list=RDWS7zrY77p2g&start_radio=1)>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Facção Central. Justiça com as próprias mãos. In: *A marcha fúnebre prossegue*. 2001. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_8SEcb-5mog](https://www.youtube.com/watch?v=_8SEcb-5mog)>. Acesso em: 14 abr. 2025.

Facção Central. Menino do Morro. In: *Direto do Campo de Extermínio*. 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs\\_LmYams](https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs_LmYams)>. Acesso em: 16 set. 2025.

Facção Central. Roleta Macabra. In: *Espectáculo do Circo dos Horrores*. 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HPtq2LE246o>>. Acesso em: 16 set. 2025.

Facção Central. São Paulo - Aushwitz versão brasileira. In: *Direto do Campo de Extermínio*. 2003. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs\\_LmYams](https://www.youtube.com/watch?v=Kzqs_LmYams)>. Acesso em: 21 jul. 2025.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. *Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados: Rio de Janeiro, 1928-1949*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural; Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. (Coleção Memória Carioca, 3).

Gomes, Matheus de A. (2019). “Os locutores do inferno”: representações de violências no rap do Facção Central (1995-2006).

GOG. *A Rima Denuncia*. São Paulo: Marola Discos, Face da Morte Produções, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=juls2FpjxuQ>. Acesso em 25 out. 2025.

GOG. *Brasília Periferia*. In: *Dia a Dia da Perifeira*. 1994. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=J\\_p2S9S9ail](https://www.youtube.com/watch?v=J_p2S9S9ail)>. Acesso em: 18 jun. 2025.

GOG, DVD *Cartão postal bomba (Brasília, Só Balanço, 2009)*.

Guilherme Botelho, Walter Garcia e Alexandre Rosa, «Três raps de São Paulo: “Política” (1994), “O menino do morro” (2003) e “Mil faces de um homem leal (Marighella)” (2012)», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Online], Imagens, memórias e sons, posto online no dia 01 dezembro 2015, consultado o 10 novembro 2022. URL:

<http://journals.openedition.org/nuevomundo/68717>;  
<https://doi.org/10.4000/nuevomundo.68717>

DOI:

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo, Edições Loyola, 1992.

LIMA, Adelina. 13 castelos mal-assombrados europeus. Segredos do mundo, 2022. Disponível em: <<https://segredosdomundo.r7.com/castelos-mal-assombrados-europeus/>>. Acesso em: 25, out. 2025.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O Mapa e a Trama Ensaios Sobre o Conteúdo Geográfico Em Criações Romanescas. Florianópolis Ed. Da UFSC, 2002.

NERY, C.; BRITTO, V. Favelas e Comunidades Urbanas: IBGE muda denominação dos aglomerados subnormais. Agência IBGE notícias, 2024. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38962-favelas-e-comunidades-urbanas-ibge-muda-denominacao-dos-aglomerados-subnormais>>. Acesso em: 25 fev. 2026.

OLIVEIRA, M. R. da S.; LIMA, M. das G. de. Uma breve consideração sobre a contribuição de Carl Sauer para a geografia cultural e pesquisas recentes. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, [S. l.], v. 18, n. 1, p. e14583, 2025. DOI: 10.55905/revconv.18n.1-182. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/14583>. Acesso em: 6 jun. 2025.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de Oliveira. Rap e política: percepções da vida social brasileira. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. 192 p. ISBN 8575594303, 9788575594308.

Racionais MC's. Nada Como Um Dia Após O Outro Dia. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CD (1 hora e 47 minutos).

Racionais MC's. Negro Drama. In: Nada Como Um Dia Após O Outro Dia. 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tWSr-NDZI4s>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

Racionais MC's. Pânico na Zona Sul. In: Consciência Black, Volume 1. 1989. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DheKLQ0RzOw>>. Acesso em: 16 set. 2025.

Racionais MC's. Rapaz comum. Sobrevivendo no Inferno. 1997. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KUIMTqMO3RU>>. Acesso em: 09 abr. 2025.

Racionais MC's. Vida Loka II. In: Nada Como Um Dia Após O Outro Dia. 2003. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=hNHlc7Poldg&list=RDhNHlc7Poldg&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=hNHlc7Poldg&list=RDhNHlc7Poldg&start_radio=1)>. Acesso em: 21 jul. 2025.

Sabotage. Na Zona sul. In: Rap é Compromisso. 2000. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=RuJyGK\\_\\_XgE&list=RDRuJyGK\\_\\_XgE&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=RuJyGK__XgE&list=RDRuJyGK__XgE&start_radio=1)>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Sabotage. País da fome, Parte II. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3oTk3faSHmc>. Acesso em 19 out. 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 308p.

SAUER, Carl O. GEOGRAFIA CULTURAL. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1–7, 2013. DOI: 10.12957/espacoecultura.1997.6706. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/6706>. Acesso em: 5 set. 2025.

SAUER, Carl O. The morphology of Landscape. In: J. Legibly (Org.). **Land & Life: A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer**. Berkeley. The University of California Press, p. 315-50, 1963.

SOUSA, Renato D. **Cio da Terra: a Geografia dos sertões cantados por Pena Branca e Xavantinho**. Dissertação (Mestrado em Teoria e Método) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2025.

Trilha Sonora do Gueto. Deus É Mais. São Paulo: Vida Loka Produções, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D74YkQvaNBo>. Acesso em 18 out. 2025.

Trilha Sonora do Gueto. Padre Nuestro. In: Purke Tudo num Mundo É Vaidade. 2008. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=iHgPHtHf\\_CA](https://www.youtube.com/watch?v=iHgPHtHf_CA)>. Acesso em: 09 abr. 2025.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Paisagens, as janelas da alma geográfica. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, São Paulo, Brasil, v. 44, p. e222547, 2024a. DOI: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2024.222547. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/rdg/article/view/222547>>. Acesso em: 27 maio. 2025.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. **O jogo da amarelinha: saltos para a institucionalização da geografia cultural no Brasil**. São Paulo: FFLCH/USP, 2024b.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Os limites da inversão: a heterotopia do Beco do Batman, São Paulo. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 37, p. 222-243, 2017.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Por uma Perspectiva Geográfica dos Espaços Públicos: Repensando a Espacialidade da Dimensão Social. **Espaço e Cultura (UERJ)**, v. 22, p. 67-78, 2007.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Transformações no conceito de território: competição e mobilidade na cidade. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, v.8, nº 1, São Paulo, p. 119-126, 2004.